

REPENSANDO O ANARQUISMO E O SINDICALISMO DE INTENÇÃO REVOLUCIONÁRIA: A EXPERIÊNCIA COLONIAL E PÓS-COLONIAL, 1870-1940¹

Lucien van der Walt²

Steven J. Hirsch³

Este volume examina a história, a influência, as aspirações e as ações do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no mundo colonial e pós-colonial desde a década de 1870 até a década de 1940. Por "mundo colonial e pós-colonial" entendemos as regiões do mundo sob o controle formal de potências externas, bem como as ex-colônias, que eram formações sociais ostensivamente independentes, mas que permaneceram sujeitas a um grau significativo de poder imperial informal influenciado por legados coloniais. Os estudos de caso apresentados neste volume foram extraídos da África, Ásia, América Latina e Europa Oriental (com exceção da Irlanda).

Cada um desses estudos de caso analisa o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária num contexto colonial ou pós-colonial. Em outras palavras, eles situam suas análises dentro do contexto mais amplo do imperialismo e da globalização do final do século XIX e início do século XX, desde a década de 1870 até a década de 1930. Durante essa época, a primeira globalização moderna, o poder imperialista aumentou substancialmente e coincidiu com uma revolução até então sem precedentes nas tecnologias de comunicação e transporte, na migração internacional em massa e no surgimento de uma economia verdadeiramente global, que, por sua vez, disseminou a industrialização pelo mundo colonial e pós-colonial.

Todas as regiões e países examinados neste volume tiveram uma história de colonialismo, inclusive a China, desmembrada desde o final do século XIX. No início do século XX, a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, o Japão, a Rússia e os Estados Unidos

¹ Repensando o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária: a experiência colonial e pós-colonial, 1870–1940 In. *Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world, 1870-1940 : the praxis of national liberation, internationalism, and social revolution* / edited by Steven Hirsch, Lucien van der Walt. (Studies in global social history ; v. 6) Traduzido por Rafael Viana da Silva.

² University of the Witwatersrand

³ University of Pittsburgh-Greensburg

dominavam 90% da África, 57% da Ásia, um quarto das Américas, cerca de metade da Europa Central e Oriental e toda a Polinésia⁴.

As grandes potências também exerciam um imenso controle indireto sobre os estados independentes e sobre outras políticas nessas regiões, por meio do sistema estatal internacional, dos investimentos industriais, dos controles comerciais e da diplomacia dos canhões⁵. Muito frequentemente, o capital imperial desalojava ou trabalhava em estreita colaboração com a burguesia local para manter um sistema interno de dominação altamente desigual. O capital imperial também direcionou as mudanças industriais tardias nos territórios dominados da Europa, África, América Latina e Ásia.

Em reconhecimento ao caráter globalizado do mundo durante esse período, este volume procura entender como o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária se desenvolveram como movimentos transnacionais. Para tanto, enfoca não apenas os contextos nacionais e locais, mas também as conexões supranacionais e os fluxos multidirecionais de ideias, pessoas, finanças e estruturas organizacionais que deram origem a esses movimentos. Dessa forma, transcende as narrativas eurocêntricas e evita a tendência frequente de ver os movimentos no mundo colonial e pós-colonial como meras imitações ou extensões dos movimentos europeus. Em vez disso, examina cuidadosamente a história universal e particular do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária, conforme se refletem nas ideias e na cultura, na composição social e no caráter de cada movimento social.

Em outro nível, essa coletânea examina com muita atenção como os anarquistas e sindicalistas se relacionaram com o imperialismo, os movimentos anticoloniais e a questão nacional. Com a questão nacional, temos em mente tanto o desafio imposto pelo papel das identidades nacionais e raciais aos movimentos da classe trabalhadora quanto o lugar das demandas por autodeterminação (e igualdade racial) nas lutas de classe. O volume busca, então, recuperar a história do anti-imperialismo anarquista e sindicalista - como ele se manifestou tanto na teoria quanto na prática. Essa é uma história vital que muitas vezes foi ignorada, ou descartada, em muitos textos. Os artigos deste volume, no entanto, demonstram inequivocamente que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária foram correntes importantes nas lutas anti-imperiais, inclusive as

⁴ J. Marko Bocjun, "The Working Class and the National Question in the Ukraine: 1880–1920", Ph.D., York University, 1985, 132.

⁵ Martin van Creveld, *The Rise and Decline of the State*, Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1999, 318; M. Lang, "Review Article: Globalisation and Its History", *The Journal of Modern History*, 78, 2006, 913–918.

anticoloniais, no final do século XIX e no início e meados do século XX - e foram, na maior parte desse período, mais importantes do que seus rivais marxistas.

Para destacar essa experiência de imperialismo e desigualdade, organizamos este volume em torno da estrutura de um "mundo colonial e pós-colonial", em vez do conceito da Guerra Fria de um "Terceiro Mundo" (ou seu sucessor, o "Sul Global"). A ideia de "Terceiro Mundo" exclui rotineiramente as regiões coloniais dentro da própria Europa, apesar dos paralelos obviamente instrutivos com as experiências africanas, asiáticas e outras.

O conceito também sempre foi definido em termos negativos, incoerentes e categorias estadocêntricas.⁶ Originalmente, o conceito significava países fora do Oriente ("socialista") e do Ocidente ("capitalista"), mas nunca foi definido com base em seu próprio sistema econômico; incluía a China e Cuba "socialistas" ao lado de países claramente "capitalistas". Também significava "nações" recém-independentes e supostamente não alinhadas. Normalmente, esses estados definiam a si mesmos como "antiimperialistas", mesmo quando suas elites governantes continuavam a se aliar às grandes potências. Por fim, referia-se aos países descritos como não desenvolvidos ou subdesenvolvidos, o que implicava a necessidade de assistência econômica das nações avançadas. Essa última afirmação sempre ignorou a grande variação socioeconômica dentro e entre esses países e a realidade do crescimento e da industrialização substanciais, até mesmo dramáticos, representados pela ascensão meteórica dos Países de Nova Industrialização (NICs). A noção de um "mundo colonial e pós-colonial" evita essas dificuldades, ao mesmo tempo em que mantém a ênfase na importância do imperialismo invocada pela ideia do "Terceiro Mundo".

O foco do volume é o período de 1870 a 1940, que foi escolhido para abranger uma era de inigualável influência anarquista e sindicalista de massa e os distintos processos econômicos, sociais e políticos que ocorreram nesse período. (O encerramento dessa era e suas implicações para os anarquistas e sindicalistas serão considerados com mais profundidade em nosso capítulo final, "Reflexões finais").

O período foi marcado por aumentos sem precedentes na migração transoceânica e intracontinental, na integração econômica global e na expansão imperial, com a primeira

⁶ See, *inter alia*, Ajiz Ahmad, *In Theory: Classes, Nations, Literatures*, London: Verso, 1992, chapter 3; Mark T. Berger, "After the Third World? history, destiny and the fate of Third Worldism", *Third World Quarterly*, 25: 1, 2004, 9–39; Bill Warren, *Imperialism: pioneer of capitalism*, London: Verso, 1980; Heloise Weber, "Reconstituting the 'Third World'? poverty reduction and territoriality in the global politics of development", *Third World Quarterly*, 25: 1, 2004, 187–206.

economia genuinamente global surgindo na década de 1870.⁷ De 1870 a 1914, o comércio e a produção mundiais cresceram de forma constante, com as principais potências desenvolvendo índices de comércio em relação ao produto interno bruto superiores a 35%.⁸ De acordo com todas as medidas, os níveis de integração se equiparavam e geralmente excediam os do final do século XX, e o capital se movia "rápida e livremente através das fronteiras nacionais e imperiais existentes".⁹

Jack London, uma testemunha perspicaz desses processos de globalização, expressou seu espanto com o extraordinário "encolhimento do planeta", que tornou o "Oriente... vizinho do lado do Ocidente".¹⁰

A proeza técnica europeia foi fundamental para essa integração, o que levou à divisão efetiva do globo entre alguns grandes estados em 1914.¹¹ A preeminência britânica resultou em um império que incorporava um quarto das terras do mundo e 800 milhões de pessoas em 1900.¹² A próxima camada imperial compreendia potências modernas como Austro-Hungria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Japão, Holanda e Estados Unidos. Impérios pré-modernos em declínio, oscilando entre a modernização e o desmembramento, preenchem a camada imperial inferior: China, Irã, Turquia Otomana, Turquia, Portugal, Rússia e Espanha.

Tal mundo apresentava grandes oportunidades, bem como imensos desafios para os anarquistas e sindicalistas centrados na questão de classe. Em um nível, os próprios circuitos e centros do imperialismo, do capitalismo industrial e da formação do Estado forneceram o nexo no qual seus nêmesis, os anarquistas e sindicalistas emergiram.

A primeira globalização sem precedentes de mobilizações de mão de obra para a indústria e para a guerra espalhou o radicalismo e conectou os radicais, suas econômicas redes de comunicação por meio do navio a vapor, telégrafos e os jornais de uma moeda, proporcionando meios de contato contínuo, e seus novos centros industriais forneceram os recrutas em massa para as associações sindicais.

A própria experiência da migração erodiu a insularidade e evidenciou a experiência comum das classes populares em todo o mundo, dando ao argumento

⁷ Eric Hobsbawm, *The Age of Capital, 1848–1875*, Abacus, London, 1977, 66 *et seq.*; Lang, 924.

⁸ See Paul Hirst, "The Global Economy: myths and realities", *International Affairs*, 73: 3, 1997, 411

⁹ Anderson, 3.

¹⁰ Jack London, 1900, "The Shrinkage of the Planet", from his *Revolution and Other Essays*, 1910, Macmillan, online at <http://sunsite.berkeley.edu/London/Writings/Revolution/shrinkage.html>, accessed 15 January 1997.

¹¹ Van Creveld, 317.

¹² Ben Crow, Alan Thomas, Paul Frenz, Tom Hewitt, Sabrina Kassam and Steven Treagust, 1994, *Third World Atlas*, second ed. Buckingham/Milton Keynes: Open University, 31.

anarquista e sindicalista da luta de classes internacionalista um toque de verdade. A brutalidade rotineira dos Estados, tanto coloniais quanto pós-coloniais, e as condições sombrias nos campos e nas fábricas fortaleceram a defesa do antiestatismo e do anticapitalismo radicais. O poder emergente dos sindicatos e de outros movimentos de massa, em parte um reflexo das concentrações maciças de trabalhadores urbanos da época, convenceu muitos de que uma transformação revolucionária da sociedade estava ao alcance.

Antes de V. I. Lênin, os marxistas clássicos também não tinham uma abordagem eficaz para as lutas no mundo colonial e pós-colonial (com a principal exceção da Europa Oriental).¹³ Os marxistas nessas regiões (quando existiam) eram geralmente marginais, sobrecarregados com a doutrina de que faltavam os pré-requisitos materiais para o socialismo e com um compromisso fixo com o reformismo legalista em contextos em que poucos podiam votar. A ascensão do bolchevismo, com sua postura distintamente anti-imperialista e militante, mudou radicalmente a situação. Enquanto isso, os anarquistas e sindicalistas haviam deixado um rastro de mobilização em massa em todo o mundo colonial e pós-colonial e (veja abaixo) de luta anticolonial. Com Bakunin, esses revolucionários previam a "emancipação completa e real de todos os trabalhadores, não apenas em algumas, mas em todas as nações, "desenvolvidas" e 'desenvolvidas' e 'subdesenvolvidas'", sem etapas intermediárias supostamente necessárias.¹⁴

Entretanto, embora a industrialização, a formação da classe e o conflito de classes forneceram as forças sociais que os anarquistas e sindicalistas mobilizaram e nas quais sua flexibilidade programática e militância puderam ser acionadas, os contornos do capitalismo, do Estado e das classes populares também foram profundamente moldados pelo imperialismo. Assim, num outro nível, o cenário colonial e pós-colonial apresentou desafios peculiares aos socialistas libertários revolucionários: divisões raciais, regionais e nacionais entre a classe trabalhadora e o campesinato, bem como a ascensão do nacionalismo no contexto dos movimentos anti-imperialistas.

As identidades nacionais e raciais, como demonstraram movimentos como o sionismo e o *garveyismo*, podiam fluir tão facilmente por meio de redes de migrantes e

¹³ Ver, *inter alia*, Ephraim Nimni, "Great Historical Failure: Marxist theories of nationalism", *Capital and Class*, 25, 1985, 58–82; Sanjay Seth, "Lenin's Reformulation of Marxism: the colonial question as a national question", *History of Political Thought*, XIII: 1, 1992, 99–128; Lucien van der Walt and Michael Schmidt, *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*, San Francisco, Edinburgh: AK Press, 2009, 92–98

¹⁴ Mikhail Bakunin, "Letter to *La Liberté*", in Sam Dolgoff (ed.), *Bakunin on Anarchy: Selected Works by the Activist-Founder of World Anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1872] 1971, 284.

outras redes quanto as internacionalistas. Tais tendências segmentárias enfraqueceram o internacionalismo, tenderam a se tornar mais acentuadas à medida que a concorrência no mercado de trabalho se intensificava e prefiguravam o mundo que se seguiu à primeira globalização moderna e à era do império: o mundo dos estados-nações e do nacionalismo econômico, com raízes na década de 1920 e que se estendeu até a década de 1990 (discutido mais detalhadamente no capítulo final).

ANARQUISMO E SINDICALISMO DE INTENÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Embora o termo "anarquismo" seja frequentemente aplicado de forma muito vaga, este volume usa uma definição estrita. O movimento anarquista moderno surgiu a partir do final da década de 1860 no contexto de um movimento de trabalhadores em expansão internacional, unidos na Associação Internacional dos Trabalhadores (ou Primeira Internacional, 1864-1877).¹⁵ Os debates sobre a questão do Estado entre Karl Marx e Mikhail Bakunin (1814-1876) foram fundamentais para estabelecer a corrente anarquista como uma forma distinta de socialismo. De acordo com Piotr Kropotkin (1842-1921), o mais importante teórico anarquista depois de Bakunin, o "anarquismo moderno" surgiu "pouco a pouco nos Congressos da grande Associação e, mais tarde, entre seus sucessores", dando origem a um movimento de massa da classe trabalhadora e dos camponeses.¹⁶

As ideias centrais do anarquismo, conforme expressas por Bakunin e Kropotkin, são claras. Ferozmente oposto a todas as formas de desigualdade e opressão social e econômica, o anarquismo rejeitou o capitalismo, o Estado e a hierarquia em geral. Como doutrina revolucionária e libertária, o anarquismo buscava o estabelecimento da liberdade individual por meio da criação de uma ordem socialista cooperativa, democrática, igualitária e sem Estado. Isso seria estabelecido por meio da ação direta da classe trabalhadora e do campesinato, realizando uma revolução social internacional e internacionalista contra o capitalismo, o latifúndio e o Estado.¹⁷

¹⁵ David Miller, *Anarchism*, London, Melbourne: J.M. Dent and Sons, 1984, 4, 45; George Woodcock, *Anarchism: a history of libertarian ideas and movements*, new edition with postscript, Penguin, 1975, 136, 170.

¹⁶ Piotr Kropotkin, "Anarchism", in Roger N. Baldwin (ed.), *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets: a collection of writings by Peter Kropotkin*, New York: Dover Publications, [1905] 1970, 295; Piotr Kropotkin, *The Place of Anarchism in Socialistic Evolution*, Cyrmu: Practical Parasite Publications, [1886] 1990, 5–6.

¹⁷ Van der Walt and Schmidt, 33–81.

O sindicalismo de intenção revolucionária, por outro lado, refere-se a uma forma revolucionária de sindicalismo, centrado na visão de que a ação sindical revolucionária pode estabelecer uma ordem social coletivizada e gerenciada pelos trabalhadores com base em estruturas sindicais.¹⁸ Os sindicalistas revolucionários argumentavam que "o sindicato é a organização unificada do trabalho e tem como objetivo a defesa dos interesses dos produtores na sociedade existente e a preparação e execução prática da reconstrução da sociedade segundo o padrão do socialismo".¹⁹

As ideias sindicalistas surgiram da "tradição extrapolítica do socialismo derivada da ala libertária da Primeira Internacional".²⁰ As "principais ideias" do sindicalismo revolucionário podem ser "todas encontradas" na Primeira Internacional, "e especialmente nos escritos da ala bakuninista ou federalista".²¹ Essa ala, como observaram Marx e Friedrich Engels, sustentava que os trabalhadores "devem... organizar-se em sindicatos" para "suplantar os estados existentes", sendo a "greve geral" a alavanca "pela qual a revolução social é iniciada".²² Deste modo, o sindicalismo de intenção revolucionária sempre foi parte integrante da ampla tradição anarquista, embora a relação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário fosse complicada: alguns anarquistas rejeitavam o sindicalismo revolucionário, enquanto uma parte substancial dos sindicalistas revolucionários negava (ou não sabia) que o sindicalismo revolucionário estava embutido no anarquismo.²³

O anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária, como Benedict Anderson lembrou recentemente aos leitores, constituíram uma imensa "força gravitacional" em todo o planeta no final do século XIX e início do século XX. Segundo ele, eles eram o elemento dominante na esquerda radical autoconscientemente internacionalista" a partir da década de 1870 e "o principal veículo de oposição global ao

¹⁸ Ralph Darlington, *Syndicalism and the Transition to Communism: an international comparative analysis*, Aldershot, Hampshire and Burlington, VT: Ashgate, 2008, 4–7.

¹⁹ Rudolph Rocker, *Anarcho-syndicalism*, London: Pluto Press, [1938] 1989, 86.

²⁰ Wayne Thorpe, *'The Workers Themselves': revolutionary syndicalism and international labour 1913–23*, Dordrecht, Boston, London/Amsterdam: Kulwer Academic Publishers/International Institute of Social History, 1989, xiii–xiv

²¹ Louis Levine, *Syndicalism in France*, second ed., New York: Columbia University Press, 1914, 160–161; L. Lorwin, "Syndicalism", in *Encyclopaedia of the Social Sciences*, New York: The Macmillan Company, 1959, 497.

²² Karl Marx, "Letter to Paul Lafargue in Paris", In *Marx, Engels, Lenin: anarchism and anarcho-syndicalism*, N.Y. Kolpinsky (ed.), Moscow: Progress Publishers, [19 April 1870] 1972, 46; Friedrich Engels, "The Bakuninists at Work: an account of the Spanish Revolt in the summer of 1873", in N.Y. Kolpinsky (ed.), *Marx, Engels, Lenin: anarchism and anarcho-syndicalism*, Moscow: Progress Publishers, [1873] 1972, 132–133.

²³ Van der Walt and Schmidt, 20–22, 133–144, 149–170.

capitalismo industrial, à autocracia, ao latifundismo e ao imperialismo" na virada do século.²⁴ Antes de 1917, Eric Hobsbawm admitiu que “a esquerda marxista estava, na maioria dos países”, “à margem do movimento revolucionário, o corpo principal de marxistas estava identificado com uma social-democracia de fato não revolucionária” e “a maior parte da esquerda revolucionária era a esquerda revolucionária era anarcossindicalista ou, pelo menos, muito mais próxima das ideias e da disposição do anarcossindicalismo do que do marxismo clássico”.²⁵

No entanto, apesar de sua importância histórica, o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária, como movimento internacional, “não foram bem tratados pela academia”.²⁶ Com muita frequência, sua história foi “enterrada sob derrotas subsequentes e ortodoxias políticas”, quando não apagada completamente por seus rivais na esquerda.²⁷ Mas a história do movimento é de suma importância, precisamente porque é essencial para entender a trajetória do trabalho, da esquerda e dos movimentos anti-imperialistas. Além disso, como Arif Dirlik aponta, é crucial “relembrar o anarquismo, que o marxismo leninista suprimiu”, pois ele levanta questões sobre o próprio significado do socialismo e o lugar “dos ideais democráticos para os quais o anarquismo... serviu como repositório”.²⁸

APRESENTANDO UMA VISÃO GLOBAL DA HISTÓRIA ANARQUISTA E SINDICALISTA

A subestimação geral da importância histórica do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária está enraizada em uma tendência da literatura de se concentrar no Atlântico Norte. As pesquisas convencionais sobre a história do movimento dificilmente levam em conta os três quartos da humanidade que compõem o mundo colonial e pós-colonial. O estudo clássico de George Woodcock ignorou a Ásia e a África e analisou apenas um caso de sociedade colonial dentro da própria Europa: a Ucrânia. A América Latina recebeu apenas três páginas, apesar de o autor observar que “até o início da década de 1920 a maioria dos sindicatos no México, Brasil, Peru, Chile e Argentina

²⁴ Benedict Anderson, *Under Three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*, Verso, 2006, 2,54.

²⁵ Eric Hobsbawm, *Revolutionaries*, London: Abacus, 1993, 72–3. The odd spelling of “marxism” appears in Hobsbawm’s text.

²⁶ Robert Graham, “[Review essay] Alan Ritter, *Anarchism: a theoretical analysis*/ Michael Taylor, *Community, Anarchy, and Liberty*/David Miller, *Anarchism*”, *Telos*, 60, 1985, 197.

²⁷ David Howell, “Taking Syndicalism Seriously”, *Socialist History*, 16, 2000, 30.

²⁸ Arif Dirlik, *Anarchism in the Chinese Revolution*, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1991, 3–4, also see 7–8.

eram anarcossindicalistas”, e que o anarquismo tinha ali um “lugar que não pode ser ignorado”.²⁹

O trabalho de James Joll reflete o mesmo desequilíbrio.³⁰ Os estudos de Daniel Guérin e Roderick Kedward não são melhores, oferecendo um breve tratamento da Ucrânia.³¹ Em comparação, o estudo mais recente de Peter Marshall é equilibrado. E, no entanto, ele aloca apenas 2 dos 41 capítulos, totalizando 33 páginas em um total de 706, para o mundo colonial e mundo pós-colonial.³²

Descrever essa literatura como estritamente "eurocêntrica" seria enganoso. Além da cobertura da Ucrânia, ela ignora as regiões coloniais da Europa Oriental, e sua cobertura da Europa Ocidental e seus desdobramentos são estranhamente incompletos, com casos como a Irlanda omitidos.³³ Tal seleção restrita e não representativa de casos resultou numa avaliação falha da história do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionário. Ela apresenta, por exemplo, a tese do excepcionalismo espanhol, ou seja, a noção de que o anarquismo na Espanha "tornou-se um movimento de massa... em uma extensão que nunca foi alcançada em outros lugares".³⁴ Supostamente, a Espanha foi "o único país no século XX onde o anarcocomunismo e o anarcossindicalismo foram amplamente adotados como teorias e práticas revolucionárias".³⁵ Outra conclusão problemática, explícita ou implícita nessa literatura, é que "o anarquismo raramente criou raízes no 'Terceiro Mundo', em territórios coloniais", com a possível exceção da Coreia.³⁶

²⁹ Woodcock, *Anarchism: a history of libertarian ideas and movements*, 401–403.

³⁰ James Joll, *The Anarchists*, London: Methuen and Co., 1964, 175, 184–188, 217, 221–223, 239.

³¹ Daniel Guérin, *Anarchism: from theory to practice*, New York: Monthly Review Press, 1970, 98–101; Roderick Kedward, *The Anarchists: the men who shocked an era*, London/New York: Library of the Twentieth Century, 1971, 81–83.

³² Peter Marshall, *Demanding the Impossible: a history of anarchism*, London: Fontana Press, 1994, 473–475, 504–535.

³³ O movimento português, que dominou o movimento sindical daquele país, também está notavelmente ausente. Ver Bernhard Bayerlein e Marcel van der Linden, "Revolutionary Syndicalism in Portugal", em Marcel van der Linden e Wayne Thorpe (orgs.), *Revolutionary Syndicalism: an international perspective*, Otterup/Aldershot: Scolar/Gower Publishing Company, 1990, pp. 160–164. Da mesma forma, a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia e a Escócia são rotineiramente ignorados. Contra o "excepcionalismo espanhol", também se pode argumentar que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária foram "adotados extensivamente como teorias e práticas revolucionárias" e como um verdadeiro "movimento de massa" na França e nos Países Baixos (em ambos, os principais centros trabalhistas foram, por um tempo, revolucionários-sindicalistas) e na Grã-Bretanha, Alemanha e, acima de tudo, na Itália (em todos os três, o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária eram uma poderosa tradição minoritária com apoio de massa): veja van der Walt e Schmidt, pp. 271–295.

³⁴ Joll, 224.

³⁵ M.M. Breitbart, "Spanish Anarchism: an introductory essay", *Antipode: a radical journal of geography* 10/11: 3/1, 1979, 1. Also see Marshall, 453.

³⁶ John Crump, "Anarchism and Nationalism in East Asia", *Anarchist Studies*, 4:1, 1996, 45–64, 60–61.

Tais afirmações só fazem sentido se a história do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária na maior parte do mundo for ignorada. "A verdade é", como Jason Adams astutamente observa, "que o anarquismo tem sido principalmente um movimento das regiões e dos povos mais explorados do mundo".³⁷ Em outras palavras, a história do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária ocorreu principalmente no "Leste" e no "Sul", e não no "Norte" e no "Oeste".³⁸ A América Latina e a Ásia, por exemplo, fornecem muitos exemplos de movimentos anarquistas e sindicalistas poderosos e influentes, alguns dos quais rivalizaram com o da Espanha em importância. De maneira similar, a Ásia, a África, o Caribe e a Europa Oriental (e a Irlanda) fornecem amplas evidências de movimentos que operam em situações coloniais, bem como em contextos pós-coloniais. A Argentina, com a contribuição de Geoffroy de Laforcade para esta coletânea, é um caso ilustrativo. Como de Laforcade demonstra, a Argentina possuía um movimento vibrante e profundamente enraizado na virada do século. Vale a pena observar que o anarquismo argentino remonta aos dias da Primeira Internacional e que o grande debate Bakunin-Marx ressoou localmente naquela época. O desenvolvimento precoce do anarquismo na Argentina foi resultado da imigração proletária em massa, da formação de redes de ativistas transnacionais e da difusão de uma imprensa radical. Como em outras partes da América Latina, esses processos se combinaram para produzir um movimento que se estenderia por continentes.

O anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária na Argentina se espalharam rapidamente nos bairros e locais de trabalho da crescente classe trabalhadora de Buenos Aires, a capital e principal porto do país. Na virada do século, Buenos Aires era (junto com Paterson, nos Estados Unidos) um dos dois grandes centros editoriais anarquistas do mundo, e a Argentina se tornou o único país a sustentar dois jornais diários anarquistas.³⁹ O movimento operário argentino refletiu a influência do sindicalismo de intenção revolucionária. Pouco depois de sua fundação em 1901, a Federação Regional dos Trabalhadores da Argentina (Federación obrera regional argentina, FORA) adotou o ideal do "anarquismo-comunismo" em seu quinto congresso. A FORA continuaria sendo a federação trabalhista dominante da Argentina na década seguinte.

³⁷ Ver Jason Adams, *Non-Western Anarchisms: Rethinking the Global Context*, Johannesburg: Zabalaza Books, n.d. [2003], 2–4.

³⁸ Uma observação feita anteriormente em Lucien van der Walt, 2007, "Anarchism and Syndicalism in South Africa, 1904-1921: rethinking the history of labour and the left", Ph.D., University of the Witwatersrand, Cap. 2; van der Walt e Schmidt, Caps. 1, 9.

³⁹ Yaacov Oved, "The Uniqueness of Anarchism in Argentina", *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, 8: 1, 1997, 63–76, 69.

A influência anarquista na Argentina, como mostra Laforcade, estendeu-se para além da FORA, incluindo sindicatos católicos e a rival União Geral dos Trabalhadores (UGT). A UGT evoluiu para a Confederação Operária Regional Argentina (CORA), que se fundiu com a FORA em seu nono congresso, em 1915. Isso precipitou uma divisão entre uma ala autodenominada "anarquista" (que se identificava com as posições do quinto congresso de 1905, a FORA-V) e uma ala "sindicalista" alinhada ao congresso de fusão de 1915 (o nono, que adotou posições mais pragmáticas, portanto, a FORA-IX). As duas FORAs cresceram até a década de 1920, com cerca de 250.000 membros em seu auge, e nenhuma central rival significativa.⁴⁰ As análises que minimizam a influência anarquista na Argentina ignoram o fato marcante de que a principal divisão no movimento sindical foi entre rivais localizados dentro de uma tradição anarquista ampla e compartilhada.⁴¹ No contexto argentino, o marxismo, representado pelo minúsculo e moderado Partido Socialista local, permanecia discreto em comparação com a influência do movimento libertário.⁴²

A influência anarquista na Argentina, como mostra Laforcade, estendeu-se para além da FORA, incluindo sindicatos católicos e a rival União Geral dos Trabalhadores (UGT). A UGT evoluiu para a Confederação Operária Regional Argentina (CORA), que se fundiu com a FORA em seu nono congresso, em 1915. Isso precipitou uma divisão entre uma ala autodenominada "anarquista" (que se identificava com as posições do quinto congresso de 1905, a FORA-V) e uma ala "sindicalista" alinhada ao congresso de fusão de 1915 (o nono, que adotou posições mais pragmáticas, portanto, a FORA-IX). As duas FORAs cresceram até a década de 1920, com cerca de 250.000 membros em seu auge, e nenhuma central rival significativa. As análises que minimizam a influência anarquista na Argentina ignoram o fato marcante de que a principal divisão no movimento sindical foi entre rivais localizados dentro de uma tradição anarquista ampla e compartilhada. No contexto argentino, o marxismo, representado pelo minúsculo e moderado Partido Socialista local, permanecia discreto em comparação com a influência do movimento libertário.

⁴⁰ Para obter dados, consulte, entre outros, Thorpe, 313 nota 13 e Ruth Thompson, "Argentine Syndicalism: reformism before revolution", em van der Linden e Thorpe (orgs.), 173-174.

⁴¹ Por exemplo, Ruth Thompson, "The Limitations of Ideology in the early Argentinean Labour Movement: anarchism in the trade unions, 1890-1920", *Journal of Latin American Studies*, 16, 1984, 81-99.

⁴² Sobre o partido, consulte, entre outros, G.D.H. Cole, *The Second International, 1889-1914*. London/New York: Macmillan/St Martin's Press, 1956, pp. 825-833; Jeremy Adelman, "Socialism and Democracy in Argentina in the Age of the Second International", *Hispanic American Historical Review*, 1992, 72: 2, pp. 211-238.

A Argentina não foi, de forma alguma, um caso excepcional de um "movimento de massa" anarquista na América Latina. Em Cuba, o anarquismo surgiu na década de 1870 e "dominou as posições de liderança no incipiente movimento trabalhista" a partir da década de 1880, como observa Kirk Shaffer em seu estudo para esta coleção. De fato, a hegemonia anarquista persistiu por quase cinco décadas, abrangendo o Círculo dos Trabalhadores (1885), a Aliança dos Trabalhadores (formada em 1887), a Federação Sindicalista do Trabalho Cubano (CTC, 1895), a Federação do Trabalho de Havana (1921) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores Cubanos (Confederación Nacional de Obreros Cubanos, CNOC, 1925), esta última com 200.000 trabalhadores.⁴³ No entanto, essa história foi obscurecida por muito tempo, de acordo com Shaffer, por relatos que excluía os anarquistas ou os deturpavam como marxistas.⁴⁴ Tanto o caso argentino quanto o cubano refletem o padrão latino-americano mais amplo: movimentos marxistas substanciais simplesmente não existiam antes de meados da década de 1920⁴⁵, e os movimentos de trabalhadores eram comumente identificados com o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária durante a ascensão e a queda da Primeira Internacional e da Internacional dos Trabalhadores e Socialista (a chamada "Segunda") (1889)

O capítulo sobre o Brasil, de Ediline Toledo e Luigi Biondi, também demonstra a "simpatia difusa" que o anarquismo registrou entre os trabalhadores em centros urbanos em expansão como São Paulo. A Confederação Operária Brasileira (COB, 1906) também dominava o movimento sindical.

A COB tinha entre 100.000 e 125.000 membros somente no Rio de Janeiro em meados de 1919, enquanto os socialistas moderados permaneciam marginalizados e isolados. Os anarquistas no México, também analisados por Shaffer, desempenharam um papel de liderança nos sindicatos desde os dias do Congresso Geral dos Trabalhadores Mexicanos, formado em 1876. A federação sindicalista, a Casa do Operário Mundial (Casa del Obrero Mundial, COM ou Casa), formada em 1912, foi a principal central sindical na década de 1910, com 150.000 membros.⁴⁶ Em 1921, a COM foi reorganizada

⁴³ Ver Frank Fernandez, *Cuban Anarchism: the history of a movement*, Tucson, Arizona: See Sharp Press, 2001, 39–59; Kirk Shaffer, "Purifying the Environment for the Coming New Dawn: anarchism and counter-cultural politics in Cuba, 1898–1925", Ph.D. diss., University of Kansas, 1998

⁴⁴ Shaffer, vii, 2.

⁴⁵ Manuel Caballero, *Latin America and the Comintern, 1919–1943*, Cambridge, London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1986, 8–9; Julio Godio, *El movimiento obrero de américa latina, 1850–1918*, Bogotá: Ediciones Tercer Mundo, 1978; Ricardo Melgar Bao, *El movimiento obrero latinoamericano: historia de una clase subaltern*, Madrid: Alianza Editorial, 1988.

⁴⁶ John Hart, "Revolutionary Syndicalism in Mexico", in van der Linden and Thorpe (eds.), 194, 197.

como Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), que agregou a seção mexicana do sindicato Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW, ou Wobblies), chegando a 80.000 membros em 1928-1929.⁴⁷

Da mesma forma, o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária exerceram uma influência preponderante sobre os movimentos de trabalhadores nos países menos desenvolvidos da América Latina. O capítulo de Steven Hirsch sobre o Peru demonstra que os anarquistas e sindicalistas foram a força dominante no movimento operário durante as três primeiras décadas do século XX. Eles organizaram os principais sindicatos operários em Lima-Callao, como a Federação Regional dos Trabalhadores do Peru (FORP, 1913, 1919) e a Federação dos Trabalhadores de Lima (FOL, 1921) e nas províncias. O movimento trabalhista organizado do Peru tinha contato com a FORA e com o movimento sindical dominado pelos anarco-sindicalistas no Chile.⁴⁸ O sindicalismo de intenção revolucionária também foi uma força significativa no Paraguai, no Uruguai, na Bolívia e no Equador, e visível na Costa Rica, Venezuela, Porto Rico e Panamá. Em Porto Rico, por exemplo, como Shaffer mostra, os anarquistas eram uma minoria dissidente expressiva na Federação Livre dos Trabalhadores (Federação Livre de Trabalhadores, ou FLT).

O CASO AFRICANO, ASIÁTICO E EUROPEU

O movimento na África nunca alcançou a influência que teve na América Latina, principalmente devido ao início tardio da industrialização e da proletarização. No entanto, como no exemplo da América Latina, o movimento surgiu nas áreas mais intimamente ligadas aos processos globais de acumulação de capital e penetração imperial: o sul da África e o perímetro mediterrâneo do norte da África. O capítulo de Anthony Gorman sobre o Egito e a contribuição de Lucien van der Walt sobre a África do Sul destacam dois movimentos relativamente desconhecidos, mas altamente significativos, que operam em diferentes extremidades do continente diversificado. O movimento no Egito surgiu junto com o de outros lugares e foi representado na Primeira Internacional em 1876. Ele obteve grande parte de seu apoio inicial dos europeus qualificados contratados para trabalhar nos grandes projetos de modernização do Estado - principalmente o Canal de

⁴⁷ John Hart, *Anarchism and the Mexican Working Class, 1860–1931*, Austin: Texas University Press, 1978, 156; Hart, “Revolutionary Syndicalism in Mexico”, 200–201.

⁴⁸ Verm Peter Deshazo, *Urban Workers and Labour Unions in Chile 1902–1927*, Madison: Univ. of Wisconsin Press, 1983, and Sergio Grez Toso, *Los anarquistas y el movimiento obrero: La alborada de “la idea” en Chile, 1893–1915*, Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2007.

Suez - embora tivesse como objetivo organizar-se além das barreiras da cultura e da classe. Gorman mostra que o movimento acabou se expandindo além de seu núcleo original de imigrantes, principalmente italianos, para incluir egípcios de língua árabe, bem como gregos e judeus locais. Essa mudança estava ligada ao surgimento de sindicatos sindicalistas e "ligas de resistência" no setor industrial em expansão por volta da virada do século.

As atividades anarquistas na África do Sul remontam à década de 1880, quando a abertura de grandes minas ajudou a lançar uma revolução industrial. Entretanto, a maior influência do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária ocorreu após a virada do século, quando a Grã-Bretanha conquistou a região e criou a União da África do Sul em 1910. No final daquela década, um bloco substancial de organizações sindicais havia surgido nos setores de manufatura e serviços - a maioria desses sindicatos foram fundados por radicais brancos, mas sua base estava principalmente entre as pessoas de cor. O mais notável foi o Sindicato dos Trabalhadores Industriais da África. Foi por meio dessas estruturas que militantes brancos pioneiros, como o imigrante escocês Andrew Dunbar (1879-1964), recrutaram africanos, como T.W. Thibedi (1888-1960), e indianos, como Bernard L.E. Sigamoney (1888-1963). O número total de membros das associações sindicalistas sul-africanas provavelmente não ultrapassava 4.000 trabalhadores em todo o país no final da década de 1910, em comparação com cerca de 47.000 da South African Industrial Federation (SAIF, 1914) e 6.000 da Cape Federation of Labour (1913). No entanto, é preciso observar que essas associações sindicalistas foram algumas das primeiras organizações sindicais de pessoas de cor, que foram amplamente excluídas das duas grandes federações sindicais. Em ambos os casos africanos, os anarquistas e sindicalistas não estabeleceram, de fato, federações sindicais vinculadas aos sindicatos que dirigiam ou que fundaram. Eles desempenharam um papel - minoritário - na liderança de centrais sindicais mais ortodoxas que surgiram a partir da década de 1910: a Confederação Geral do Trabalho (Confédération Générale du Travail, CGT, ou Ittihad al-niqabat al-'am), formada no Egito em 1921, e a Federação do Trabalho do Cabo e o SAIF, respectivamente.

Na Ásia Central, os anarquistas podiam ser encontrados em todos os territórios (ex)russos e otomanos, com adeptos entre árabes, turcos e minorias nacionais.⁴⁹ No sul

⁴⁹ Ver Ilham Khuri-Makdisi, "Levantine Trajectories: the formulation and dissemination of radical ideas in and between Beirut, Cairo and Alexandria, 1860-1914", Ph.D. diss., Harvard University, 2003; Max Nettlau, *A Short History of Anarchism*, London: Freedom Press, [1934] 1996, ch. 16; Mece Tunçay and

da Ásia, o anarquismo influenciou os radicais bengaleses do início do século XX, o Partido Ghadar na década de 1910 e a Associação Socialista Republicana do Hindustão na década de 1920.⁵⁰ Entretanto, foi no Leste Asiático que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária tiveram maior destaque. No Leste Asiático, observa Dirlik, o anarquismo tornou-se "a ideologia dominante" durante as duas primeiras décadas do século XX. Os esforços sindicais pioneiros nas Filipinas foram seguidos por movimentos mais duradouros e sofisticados não apenas no Japão imperial, mas também na China, Coreia e Vietnã,⁵¹ bem como em Taiwan e na Malásia Britânica (atual Malásia). O capítulo de Dirlik oferece uma visão geral parcial do movimento do Leste Asiático, onde a imersão "no movimento trabalhista em ascensão" foi, muitas vezes, um foco importante. Na China, os anarquistas desempenharam um papel de liderança nos sindicatos dos principais centros urbanos.⁵² Os anarquistas fundaram os primeiros sindicatos modernos, com cerca de quarenta sindicatos liderados por anarquistas somente na área de Cantão em 1921, e o "domínio anarquista" dos sindicatos em Cantão e Hunan em meados da década de 1920.⁵³

Embora o movimento do Leste Asiático tendesse a se desenvolver tardiamente pelos padrões europeus, seu auge - do final da década de 1910 ao início da década de 1930 - coincidiu bastante com outros movimentos no mundo colonial e pós-colonial. O capítulo de Dongyoun Hwang sobre a Coreia mostra que o movimento surgiu tardiamente na década de 1920, e seu principal período abrangeu as décadas de 1920 e 1930. Apesar dos esforços conjuntos para estabelecer organizações anarquistas na Coreia, a polícia colonial japonesa frustrou esses esforços por meio de repetidas "repressões rápidas e brutais". Os anarquistas coreanos tiveram mais sucesso nas áreas de fronteira e na China e no Japão. O sindicalismo de intenção revolucionária foi influente, embora a repressão na Coreia tenha feito com que as iniciativas sindicalistas coreanas mais bem-sucedidas ocorressem entre os trabalhadores coreanos no Japão. Como sugere a discussão anterior

Erik Jan Zürcher (eds.), *Socialism and Nationalism in the Ottoman Empire, 1876–1923*, London, New York/Amsterdam: British Academic Press imprint of I.B. Tauris Publishers/International Institute of Social History, 1994.

⁵⁰ Sobre a Índia/Paquistão, consulte Harish K. Puri, *Ghadar Movement: ideology, organization and strategy*, Amritsar: Guru Nanak Dev University Press, 1983, especialmente o cap. 2, e Jitendra Nath Sengal, Bhagat Singh: a biography, Gurgaon: Hope India Publications,[1931] 2006, especialmente o cap. 11.

⁵¹ Sobre o Vietnã, ver Hue-Tam Ho Tai, *Radicalism and the Origins of the Vietnamese Revolution*, Cambridge: Harvard University Press, 1992, especialmente o cap. 2. Sobre as Filipinas, consulte Anderson.

⁵² Dirlik, *Anarchism in the Chinese Revolution*, 15, 27, 128, 170, 290; Arif Dirlik, *The Origins of Chinese Communism*, Oxford, New York: Oxford University Press, 1989, 214–215

⁵³ Dirlik, *Anarchism in the Chinese Revolution*, 15, 27, 170; Dirlik, *The Origins of Chinese Communism*, 214–215.

sobre o mundo colonial e pós-colonial, a "grande era dos anarquistas" certamente não terminou em 1914.⁵⁴ Os estudos deste volume apontam para uma cronologia diferente.

Assim como a famosa Confederação Nacional do Trabalho na Espanha (Confederación nacional del trabajo, ou CNT, 1910), as FORAs, FORP, CNOC e COM (e sua sucessora, a CGT mexicana), juntamente com as organizações sindicalistas chinesas, coreanas, egípcias e sul-africanas, cresceram rapidamente ao longo da década de 1910, na década de 1920 e, muitas vezes, além dela.⁵⁵ Essa trajetória também é evidente na história do Sindicato Geral dos Trabalhadores em Transportes da Irlanda (ITGWU), ligado ao Congresso Sindical Irlandês, que é abordado na contribuição de Emmet O'Connor sobre a Irlanda. O anarquismo surgiu na Irlanda já em 1885.⁵⁶ Três décadas depois, profundamente influenciado pelo sindicalismo de intenção revolucionária, o ITGWU explodiu de 20.000 membros em 1913 para 120.000 em 1920.

PROVINCIALIZANDO O ANARQUISMO ESPANHOL

Ao adotar um escopo mais amplo e global de comparação e evitar um foco tradicional no Ocidente, este volume desafia a validade da tese do excepcionalismo espanhol. A influência anarquista e sindicalista entre as classes trabalhadoras e os movimentos sindicais na Argentina, no Brasil e em Cuba foi indiscutivelmente tão significativa, se não mais, do que na Espanha. A CNT, em seu apogeu, representava aproximadamente metade do movimento sindical da Espanha, enquanto as FORAs, CTC, CNOC, COB e FORP constituíam uma maioria decisiva e esmagadora da força de trabalho organizada em seus respectivos países.⁵⁷

De uma perspectiva mundial colonial e pós-colonial, portanto, o movimento da Espanha é apenas um elo importante em uma cadeia de movimentos anarquistas e sindicalistas de massa. Barcelona, a "rosa ardente" do anarquismo espanhol, também deve ser vista como apenas uma entre diversas e "importantes cidades vermelhas e pretas".⁵⁸ O anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária encontraram solo fértil para que suas "rosas ardentes" florescessem como movimentos poderosos em centros urbanos de todo o mundo, incluindo Buenos Aires, Cantão, Gulyai-Polye, Havana, Hunan, Lima,

⁵⁴ *Contra*. Kedward, 5

⁵⁵ Van der Walt and Schmidt, 164–169.

⁵⁶ Fintan Lane, "The Emergence of Modern Irish Socialism 1885–1887", in *Red and Black Revolution: a magazine of libertarian communism*, 3, 1997, 20–21.

⁵⁷ Van der Walt and Schmidt, 165, 274–275.

⁵⁸ Van der Walt and Schmidt, 291.

Lisboa, Montevidéu, Cidade do México, Rio de Janeiro, São Paulo e Santiago; também havia movimentos nascentes em centros como Alexandria, Cidade do Cabo, Dublin, Johannesburgo e Beirute.

O CARÁTER DE CLASSE DO ANARQUISMO E DO SINDICALISMO DE INTENÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Há muito tempo o anarquismo tem sido estereotipado como um movimento baseado em artesãos e camponeses pequeno-burgueses que, ameaçados pelas forças modernizadoras da indústria e da mecanização, anseiam por um passado pré-moderno.⁵⁹ Essa interpretação foi proposta por ativistas e acadêmicos marxistas. Não é de surpreender que eles rotineiramente retratem os anarquistas como tipos pequeno-burgueses "reacionários" ou, ocasionalmente, como socialistas "lumpenproletários" pré-políticos.⁶⁰ Até mesmo os sindicalistas são frequentemente caracterizados como "trabalhadores da pequena indústria e do artesanato", isolados da "indústria de média e grande escala".⁶¹ Essas afirmações levam naturalmente à simples conclusão de que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária são movimentos antimodernos. Para alguns, isso reforça a proposição teleológica de que somente os marxistas "sempre e em toda parte representam o interesse" do "proletariado", que "é a única classe realmente revolucionária".⁶²

Sob uma análise empírica minuciosa, a tese da composição de classe pequeno-burguesa da afirmação do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária é difícil de sustentar. As maiores organizações da ampla tradição anarquista eram os sindicatos sindicalistas. Estudos extraídos em grande parte da experiência ocidental demonstraram que a maioria dos trabalhadores nos sindicatos sindicalistas era inequivocamente proletária. Esses proletários não se limitavam a trabalhadores casuais e sazonais, como trabalhadores da construção civil, estivadores, trabalhadores do gás e

⁵⁹ Veja, por exemplo, G.M. Stekloff, *History of the First International*, edição revisada, Londres: Martin Lawrence, 1928, p. 312; E. Yaroslavsky, *History of Anarchism in Russia*, London: Lawrence and Wishart, [? 1937], 26, 28, 41, 68-69; Eric Hobsbawm, *Primitive Rebels: studies in archaic forms of social movement in the 19th and 20th centuries*, terceira edição, Manchester: Manchester University Press, 1971; Hobsbawm, *Revolutionaries*; Kedward, 24-26; ver também Woodcock, 444-445.

⁶⁰ Stekloff, 312; also see Nikolai Bukharin, *The ABC of Communism*. Michigan/ Toronto: University of Michigan Press/Ambassador Books, [1922] 1966, 77-78; Yaroslavsky, 26, 28, 41, 68-69.

⁶¹ Astrojildo Pereira, quoted in E.A. Gordon, "Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920", Ph.D., Tulane University, 1978, 33; Maurice Zeitlin, *Revolutionary Politics and the Cuban Working Class*, New York: Harper & Row, 1970, 160-163.

⁶² Karl Marx and Friedrich Engels, *The Communist Manifesto*. Chicago: Henry Regnery Company, [1848] 1954, 34, 39-40.

trabalhadores rurais; trabalhadores de fábricas em indústrias leves e pesadas, mineiros e ferroviários também constituíam elementos centrais das associações sindicais.⁶³

Os estudos dessa coletânea geralmente confirmam a base social proletária do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária. O capítulo de O'Connor mostra que o sindicalismo de intenção revolucionária teve uma ressonância especial entre os trabalhadores da construção, metalurgia, minas e transportes, enquanto que, em seu auge, em 1920, metade de seus membros eram trabalhadores rurais.⁶⁴ No Peru, Hirsch aponta que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária receberam apoio principalmente de trabalhadores semiquilificados de fábricas, portos e ferrovias.⁶⁵ O sindicalismo de intenção revolucionária mexicano, da mesma forma, teve forte apoio de trabalhadores qualificados em pequenas fábricas, bem como uma base de massa entre os trabalhadores de fábricas, principalmente têxteis e mineiros.⁶⁶ No caso do Brasil, o estudo de Toledo e Biondi demonstra que o anarquismo e o sindicalismo revolucionário obtiveram apoio de trabalhadores de fábricas e também de trabalhadores manuais em São Paulo.⁶⁷ Na Argentina, de Laforcade mostra que os sindicatos anarquistas e sindicalistas criaram raízes profundas na classe trabalhadora urbana e nos "portos em expansão a um nível nunca igualado em nenhum outro setor da economia".

As contribuições africanas para este volume também corroboram essa afirmação. No Egito, como mostra Gorman, a maioria dos anarquistas eram inicialmente trabalhadores manuais qualificados, mas, no final do século XIX, o movimento mudou para uma "nova classe trabalhadora, especialmente trabalhadores de cigarros, tipógrafos e funcionários dos novos serviços públicos, como os bondes". Na África do Sul, observa van der Walt, os principais ativistas incluíam ferreiros, carpinteiros e professores, mas a filiação popular às associações sindicalistas era feita principalmente por trabalhadores

⁶³ Larry Peterson, "The One Big Union in International Perspective: revolutionary industrial unionism, 1900–1925", in J.E. Cronin and C. Sirianni (eds.), *Work, Community and Power: the experience of labour in Europe and America*, Philadelphia: Temple University Press, 1983, 68–75; Marcel van der Linden and Wayne Thorpe, 1990, "The Rise and Fall of Revolutionary Syndicalism", in van der Linden and Thorpe (eds.), 7–12; van der Walt and Schmidt, ch. 9.

⁶⁴ Isso está de acordo com pesquisas anteriores, como a de Joseph White, 1990, "Syndicalism in a Mature Industrial Setting: the case of Britain", em van der Linden e Thorpe (orgs.), 105-108.

⁶⁵ Steven J. Hirsch, "The Anarcho-Syndicalist Roots of a Multi-Class Alliance: organised labour and the Peruvian Aprista Party, 1900–1933", Ph.D. diss., George Washington University, 1997, 13, 15, 27, 30, 34, 47, 59, 169.

⁶⁶ Hart, "Revolutionary Syndicalism in Mexico", 192–198.

⁶⁷ A alegação de que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária representavam os trabalhadores artesanais atávicos no Brasil há muito tempo impediu o devido reconhecimento de seu impacto nas fábricas: veja Sheldon Leslie Maram, "Anarchists, Immigrants and the Brazilian Labour Movement, 1890-1920", Ph.D., University of California, Santa Barbara, 1972, 98-100.

semiquilificados e não qualificados da indústria e dos serviços, como estivadores, trabalhadores dos bondes, trabalhadores do vestuário e funcionários do processamento de alimentos e tabaco. Em suma, este volume documenta a composição do anarquismo e do sindicalismo revolucionário nos setores industriais e de serviços. No mundo colonial e pós-colonial, foram exatamente os setores mais intimamente associados à globalização capitalista e à modernização do Estado que forneceram a maior parte dos ativistas anarquistas e sindicalistas. A maioria dos casos também indica uma tentativa conjunta de desenvolver apoio entre os trabalhadores rurais assalariados: isso foi particularmente verdadeiro na Argentina, Cuba, Irlanda, Peru e Porto Rico.

Também é importante observar que os camponeses às vezes eram alvos de recrutamento e mobilização. Na China, os anarquistas foram os primeiros radicais de esquerda a considerar seriamente o campesinato como uma força revolucionária e a liderar "a difusão do movimento revolucionário para as áreas rurais". Dirlik ressalta que os anarquistas chineses compartilhavam com Kropotkin uma visão do mundo em que a indústria e a agricultura, a cidade e o campo estariam harmoniosamente integrados.

Os esforços para organizar o campesinato mexicano de acordo com as linhas anarquistas e sindicalistas datam do final da década de 1860.⁶⁸ Posteriormente, como mostra Shaffer, o anarquista Partido Liberal Mexicano (PLM) de Flores Magón organizou revoltas armadas na Baixa Califórnia (México, 1911) e no Texas (Estados Unidos, 1915), que contaram com o apoio dos camponeses.

Criar alianças entre trabalhadores urbanos e camponeses rurais nunca foi fácil. Havia divisões profundas entre os camponeses zapatistas e a base de trabalhadores urbano-industriais da COM durante a Revolução Mexicana. No Peru, as tensões étnicas e regionais entre os camponeses indígenas no campo e os trabalhadores mestiços nas áreas urbanas complicaram as tentativas anarquistas de criar redes de solidariedade duradouras.

A organização e a mobilização bem-sucedidas dos camponeses pelos anarquistas, demonstraram claramente o potencial revolucionário do campesinato. O exemplo mais dramático vem da Europa colonial na forma da Makhnovischna (ou movimento de Makhno), movimento anarquista que se desenvolveu na Ucrânia a partir de 1917 - objeto da contribuição de Aleksandr Shubin. As correntes anarquistas foram influentes na

⁶⁸ Hart, *Anarchism and the Mexican Working Class, 1860–1931*, 29, 32–42, 70–71, 47, 54, 81–82.

Ucrânia a partir da década de 1880, com as visões de Bakunin de particular importância.⁶⁹ O movimento ressurgiu no início do século XX. O epônimo Nestor Ivanovich Makhno (1889-1934) veio de uma família de camponeses pobres e foi preso em 1908 por atividades anarquistas. Trabalhando como assalariado desde a adolescência, ele desempenhou um papel importante nos sindicatos de Gulyai-Polye, uma pequena cidade industrial, após sua libertação em 1917.⁷⁰

No entanto, foi do campesinato da Ucrânia - a região agrícola mais rica do Império Russo, que produzia região agrícola mais rica do Império Russo, que produzia cerca de 20% do trigo do mundo em 1914, que o movimento atraiu seus grandes batalhões.⁷¹ A partir de 1917, os anarquistas da Ucrânia organizaram os camponeses para expropriar terras e, no ano seguinte, formaram uma milícia majoritariamente camponesa, o Exército Revolucionário Insurgente da Ucrânia. Enquanto a Makhnovischna assumia o controle de grandes áreas da margem oeste da Ucrânia, eles redistribuíam as terras e promoviam cooperativas e criaram um sistema de conselhos.

A ênfase na organização dos camponeses e na autodefesa também pode ser vista no caso coreano. Embora os anarquistas coreanos estivessem ativos em Seul, Xangai e Tóquio, Hwang ressalta que eles se juntaram aos anarquistas chineses e japoneses no Movimento de Autodefesa das Comunidades Rurais na província de Fujian na década de 1920. Como resultado, foram formadas milícias de camponeses para combater ataques de bandoleiros e comunistas. Na província de Kirin, na Manchúria, conforme registrou o veterano anarquista Ha Ki Rak (1912-1997), o general anarquista Kim Jao-jin (do Exército da Independência da Coreia, que controlava a área) patrocinou a "Associação do Povo Coreano na Manchúria". Um órgão alinhado aos anarquistas que administrou educação, serviços, defesa militar e cooperativas de 1929 a 1932 em uma área com uma população estimada em dois milhões de habitantes.⁷² Ha caracterizou Kim como o "Makhno coreano" e sugeriu que essa "Revolução Kirin" se comparava favoravelmente à revolução Makhnovischna na Ucrânia de 1918 a 1921.

⁶⁹ Ver Serge Cipko, "Mikhail Bakunin and the National Question", *The Raven*, 3: 1, 1990, 3-14; J.P. Himka, "Young Radicals and Independent Statehood: the idea of a Ukrainian nation-state, 1890-1895", *Slavic Review*, 41: 2, 1982, 219-221, 223-224, 227-229.

⁷⁰ Alexandre Skirda, *Nestor Makhno: Anarchy's Cossack: the struggle for free soviets in the Ukraine 1917-1921*, Edinburgh, San Francisco: AK Press, [1982] 2003, 35-36.

⁷¹ Colin M. Darch, "The Makhnovischna, 1917-1921: ideology, nationalism, and peasant insurgency in early twentieth century Ukraine", Ph.D., University of Bradford, 1994, 136, 138-139.

⁷² Ver Ha Ki Rak, *A History of Korean Anarchist Movement [sic.]*. Taegu: Anarchist Publishing Committee, 1986, 69-96.

ANARQUISMO, SINDICALISMO DE INTENÇÃO REVOLUCIONÁRIA E REDES TRANSNACIONAIS

Uma característica marcante do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária foi a importância fundamental das redes transnacionais na constituição do movimento. Compostas por estruturas formais e informais, essas redes facilitaram a difusão da doutrina, os fluxos financeiros, a transmissão de informações e práticas simbólicas e os atos de solidariedade. As redes anarquistas, conforme demonstrado em um estudo recente importante, eram frequentemente construídas sobre diásporas migratórias e reforçadas pela imprensa do movimento e pelas viagens dos principais ativistas.⁷³ Pode-se acrescentar que também estavam conectadas por campanhas compartilhadas (como os protestos internacionais contra a execução do educador anarquista Francesco Ferrer i Guàrdia, 1859-1909) e rituais comuns, como o Primeiro de Maio (originado como uma comemoração dos anarquistas americanos executados em 1887 após a luta pelo oitavo dia de trabalho).

Os artigos desta coletânea, portanto, procuram equilibrar uma abordagem de estudo de caso nacional com uma atenção cuidadosa ao papel que os processos transnacionais desempenharam no desenvolvimento do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária. O estudo de Shaffer ilustra os méritos de prestar muita atenção à dimensão transnacional. Ele delineia duas redes anarquistas e sindicalistas diferentes que abrangem o Caribe, o México e o sul dos EUA. Uma rede ligava Cuba, Panamá, Porto Rico e os EUA. Seu centro estava em Havana, de onde surgiu ¡Tierra! ("Terra!"), o semanário anarquista. O ¡Tierra! seria fundamental na coordenação de um movimento anarquista cirum-caribenho. A outra rede sobreposta discutida por Shaffer conectava o México e o sudoeste dos EUA. Aqui, o jornal *Regeneración*, do PLM, e a organização transfronteiriça do IWW desempenharam papéis centrais. O exílio político e a migração econômica também contribuíram para reforçar as redes, pois os radicais e os trabalhadores circulavam amplamente entre empregos e santuários temporários no Caribe, nos EUA e no México. A difusão do anarquismo no Leste Asiático também foi alimentada por conexões transnacionais e translocais. Dirlík enfatiza a importância dos laços translocais na ligação dos revolucionários em toda a Ásia (e também fora dela), com as redes não

⁷³ Davide Turcato, "Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915", *International Review of Social History*, 52: 3, 2007, 412–416; For an analysis of the impact of mass immigration, itinerant anarchist militants, and the transnational anarchist press on the development of Argentine anarchism, see, José C. Moya, *Cousins and Strangers: Spanish Immigrants in Buenos Aires, 1850–1930*, Los Angeles, University of California Press, 1998, especially 307–317.

apenas difundindo ideias, mas também reformulando-as localmente. A Paris imperial foi importante para o anarquismo do Leste Asiático,

mas a Tóquio imperial foi, sem dúvida, o "local central para a educação e atividade radicais que lembra bastante o papel desempenhado por Londres para os radicais na Europa", atraindo estudantes e radicais de toda a Ásia, difundindo o nacionalismo, o anarquismo e, mais tarde, o marxismo. Dirlik enfatiza em seu capítulo que o anarquismo encontrado pelos radicais chineses "no início do século XX já era um produto da circulação global, tendo saído da Europa para locais na Ásia, África e América Latina". Ele foi adaptado às circunstâncias e demandas locais (como Toledo e Biondi também observam em relação ao Brasil, e como Shaffer observa em relação a Cuba), mas se "as experiências nativas moldaram a tradução do anarquismo para o idioma local, o próprio ato de tradução também transformou o idioma local". Conforme indicado anteriormente, o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária surgiram dentro dos circuitos e centros do imperialismo, do capitalismo industrial e da formação do Estado, incluindo suas mobilizações de trabalhadores e a revolução das comunicações. Como exemplos concretos, a abertura dos canais de Suez (1869) e do Panamá (1914) faz parte da história do anarquismo: a força de trabalho recrutada para o primeiro ajudou a lançar o anarquismo egípcio, como sugere Gorman, e a força de trabalho recrutada para o segundo espalhou o movimento para o istmo das Américas, como observa Shaffer. No Egito, isso contribuiu para o desenvolvimento de uma rede que ligava o Egito, a Grécia, o Líbano, a Palestina, a Tunísia e a Turquia, bem como os principais centros da Europa e das Américas, "com base em recomendações pessoais e uma visão ideológica compartilhada". Da mesma forma, como argumenta van der Walt, o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária chegaram à África do Sul na esteira de uma revolução industrial financiada por capitalistas europeus e acelerada pela expansão imperial britânica. Os imigrantes nascidos na Grã-Bretanha - trabalhadores e soldados - desempenharam um papel fundamental na promoção do movimento. A primeira atividade organizada data de 1881, em Port Elizabeth. Os vínculos entre a África do Sul e a Grã-Bretanha, especialmente a Escócia, por meio da imprensa radical, da migração e das visitas, interligaram os militantes da Europa imperial e da África colonial, sendo que os radicais escoceses das fábricas de Clydeside foram decisivos para o sucesso do movimento. As fábricas escocesas de Clydeside foram decisivas na introdução da IWW, incluindo a variante associada a Daniel De Leon (1852-1914). Assim, o IWW, formado em Chicago

com influências de Paris, espalhou-se via Detroit para Glasgow, e de lá para a Cidade do Cabo, Durban, Kimberley, Pretória e Johannesburgo.

As diásporas linguísticas e étnicas claramente desempenharam um papel importante nessas redes transnacionais. Isso também pode ser observado entre os anarquistas chineses que atuavam em Cuba, na França, nos Estados Unidos, no Japão e na Malásia Britânica.⁷⁴ O idioma e uma imprensa compartilhada - principalmente jornais como o Pingdeng ("Igualdade") - ajudaram a estabelecer a rede anarquista chinesa transnacional e a promover uma luta de classes compartilhada.⁷⁵ Foram os anarquistas chineses que lançaram os sindicatos da Malásia.⁷⁶ Os italianos desempenharam um papel semelhante. De fato, grande parte da história do anarquismo italiano ocorreu fora da Itália. Biondi e Toledo apontam que havia mais periódicos anarquistas em italiano no Brasil do que em português.

Embora isso possa parecer uma receita para a insularidade étnica, o meio não deve ser confundido com a mensagem. Os anarquistas italianos certamente estavam ligados por origens, idioma e cultura comuns, mas eram definidos por seu movimento global antinacionalista e "cosmopolita, oposto a todas as fronteiras".⁷⁷ No hemisfério ocidental, as redes anarquistas, como sugere Shaffer, surgiram de "conexões de rede facilitadas pelo idioma" entre uma série de nacionalidades de língua espanhola em diversos países e comunidades. O trabalho de Hwang faz uma observação semelhante, mostrando que o anarquismo coreano não pode ser reduzido ao anarquismo dentro da própria Coreia. Foi um movimento regional ativo em todo o Leste Asiático, ligado por uma imprensa comum e operando em um contexto cosmopolita.⁷⁸ Assim, o anarquismo coreano surgiu primeiro na China e no Japão e sempre esteve localizado em um ambiente cosmopolita caracterizado por vínculos e atividades transnacionais. Houve muitos exemplos de cooperação anarquista conjunta entre chineses, japoneses e coreanos anarquistas chineses, japoneses e coreanos na década de 1920. Iniciativas notáveis incluíram a cooperação no radical Lida College na China, a organização de camponeses na província

⁷⁴ Sobre Cuba, ver Jane Mee Wong, "Pingshe: retrieving an Asian American anarchist tradition", *Amerasia Journal*, 34: 1, 2008, 143, 148–149; On Malaya, see C.F. Yong, "Origins and Development of the Malayan Communist Movement, 1919–1930", *Modern Asian Studies*, 25: 4, 1991, 625–648.

⁷⁵ Por exemplo, ver Wong, 135–139.

⁷⁶ Datuk Khoo Kay Kim and Ranjit Singh Malhl, "Malaysia: Chinese anarchists started trade unions", *The Sunday Star*, 12 September 1993.

⁷⁷ Turcato, 416; See also Donna R. Gabaccia and Fraser M. Ottanelli (eds.), *Italian Workers of the World: Labour Migration and the Formation of Multiethnic States*, Urbana: University of Illinois Press, 2001, chs. 3, 5, 7.

⁷⁸ Para saber mais sobre isso, consulte também Dongyoun Hwang, "Beyond Independence: the Korean anarchist press in China and Japan in the 1920s and 1930s", *Asian Studies Review*, 31:1, 2007, 3-23.

de província de Fujian e a fundação, em 1927, em Nanjing, da Liga Anarquista Oriental (*Mujeong*). Liga Anarquista Oriental (*Mujeongbu juui dongbang yeonmaeng*) por chineses, delegados chineses, indianos, japoneses, coreanos, taiwaneses e vietnamitas.

O conceito de "internacionalismo informal" ajuda a explicar o surgimento simultâneo do anarquismo na Europa, na América Latina e no norte da África a partir do final da década de 1860 e da década de 1870, já mencionado nesta introdução.⁷⁹ A Primeira Internacional proporcionou o ventre no qual surgiu o movimento anarquista, mas as reuniões formais da Internacional, sua imprensa e seus debates estavam localizados dentro do corpo de uma rede dinâmica da classe trabalhadora e dos camponeses em todo o mundo. O anarquismo teve uma presença organizada na Argentina, Cuba, Egito e México a partir da década de 1870, seguido pela Irlanda, África do Sul e Ucrânia na década de 1880. As primeiras organizações sindicais lideradas por anarquistas fora da Espanha (Federação Espanhola de Trabalhadores Regionais, 1870) e dos EUA (Central Labour Union, 1884) foram o Congresso Geral dos Trabalhadores Mexicanos do México (1876) e o Círculo de Trabalhadores de Cuba (1887). Esses foram os ancestrais imediatos das organizações sindicais mais conhecidas que surgiram globalmente a partir da década de 1890.⁸⁰ Em outras palavras, o anarquismo não era uma doutrina da Europa Ocidental que se difundiu, perfeitamente formada, para uma "periferia" passiva.⁸¹ Em vez disso, o movimento surgiu de forma simultânea e transnacional, criado por ativistas interligados em três continentes - um padrão de interconexão, troca e compartilhamento, enraizado no "internacionalismo informal", que persistiria na década de 1940 e além.

Esses vínculos também não eram apenas informais. Além da Primeira Internacional e da Liga Anarquista Oriental, podemos citar órgãos transnacionais como a Internacional Antiautoritária (ou "Internacional Negra", 1881), da qual a União do Trabalho da América Central e o Congresso Geral dos Trabalhadores Mexicanos eram os maiores afiliados, e a Associação Sindicalista Internacional dos Trabalhadores (1922), com sua poderosa ala latino-americana, a Associação Continental Americana de

⁷⁹ Constance Bantman aponta para esse processo quando observa que muitos dos temas-chave do sindicalismo revolucionário "francês" derivaram de colaborações internacionais informais a partir da Primeira Internacional e foram inspirados pelos desenvolvimentos nos sindicatos dos EUA, Austrália e Inglaterra: Constance Bantman, "Internationalism without anInternational? Cross-channel anarchist networks, 1880-1914", *Revue Belge de Philologie et D'Histoire*, 84: 4, 2006, 961-981, 974-979.

⁸⁰ van der Walt and Schmidt, 16, 153-158.

⁸¹ Referimo-nos aqui ao modelo de "difusão europeia" da história, conforme observado em Barbara Weinstein, "History without a Cause? Grand narratives, world history, and the postcolonial dilemma", *International Review of Social History*, 50: 1, 71-93.

Trabalhadores (ACAT, 1929). Falar de movimentos anarquistas e sindicalistas discretos do "Norte" e do "Sul" seria, portanto, enganoso e impreciso.

As redes discutidas nesta seção abrangeram os países coloniais, pós-coloniais e imperiais, ligando, por exemplo, radicais no México e nos EUA, em Cuba e na Espanha. e os EUA, em Cuba e na Espanha, na África do Sul e na Grã-Bretanha, e na Coreia e no Japão. e o Japão. O movimento, em suma, não era apenas internacionalista em princípio e imaginação, mas global em sua criação, organização, alcance e aspirações, alcance e aspirações. Ao mesmo tempo, ele não negava a existência da nacionalidade, mas buscava conciliar a nacionalidade com o internacionalismo.

RAÇA, NAÇÃO E IMPERIALISMO

A forma como o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária abordaram as questões de nacionalidade, raça e o poder imperial recebeu surpreendentemente pouca atenção na literatura. No entanto, os movimentos anarquista e sindicalista estavam em ascensão num período marcado pela primeira globalização moderna e pela construção de impérios. A maneira pela qual o movimento anarquista e sindicalista se envolveu com as divisões da classe trabalhadora e do campesinato internacional e o impacto do poder imperial em diferentes partes do globo, nesse contexto específico, permanece surpreendentemente subexaminada na literatura existente.

Os textos-padrão sobre anarquismo e sindicalismo de intenção revolucionária dão pouca atenção à forma como eles enfrentaram o imperialismo e a questão nacional, ou como sua história foi moldada pela presença inescapável dos impérios. Os trabalhos de Joll, Woodcock e Marshall, por exemplo, evitam cuidadosamente uma análise de como os anarquistas e sindicalistas lidaram com as divisões raciais e nacionais nas classes populares.

A questão sobre como o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária se envolveram com as lutas anti-imperialistas também é pouco abordada nesses textos. Os tratamentos convencionais, focados no anarquismo espanhol, tendem a ignorar não apenas as divisões regionais e étnicas dentro da CNT, mas também o próprio império espanhol.

Suas análises sobre a Makhnovischna observam que o movimento estava operando em um território há muito tempo sujeito à Polônia e à Rússia (e, por pouco tempo, à Alemanha), surgiu no contexto da enorme onda de lutas pela independência que

então varria a Europa Central e Oriental e competia (e às vezes cooperava) com os nacionalistas ucranianos.⁸²

A obra de Daniel Guérin pelo menos aborda a questão de quando e por que o luminar anarquista Bakunin apoiou as lutas pela independência, mas não leva isso adiante em sua discussão sobre o Makhnovischna.⁸³

A análise de Marshall sobre os movimentos asiáticos e latino-americanos observa corretamente seu anti-imperialismo, mas não explica o que isso implicava.⁸⁴

É compreensível, portanto, que exista uma noção bastante difundida de que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária históricos estavam visivelmente ausentes das lutas anti-imperialistas - uma visão encontrada até mesmo entre alguns anarquistas contemporâneos que se autodenominam anarquistas. Para alguns, essa suposta ausência é uma evidência do louvável universalismo ético do anarquismo e de sua rejeição de divisões sociais arbitrárias.⁸⁵ Para outros, ao contrário, ela supostamente demonstra um eurocentrismo deplorável que aparentemente garante que o anarquismo não tem "quase nada a ver com as lutas anticoloniais que definiram a política revolucionária neste século".⁸⁶

No entanto, essas literaturas acadêmicas e polêmicas são profundamente falhas: elas ignoram a profundidade e a amplitude do anarquismo e do sindicalismo revolucionário anti-imperialista. Há um corpus acadêmico pequeno, mas valioso, que aborda de forma mais eficaz a relação entre o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária, por um lado, e a questão nacional, por outro, embora seja esquemático e muitas vezes eurocêntrico.⁸⁷

⁸² Por exemplo, Joll, 184–188.

⁸³ Guérin, 67–69, 98–101.

⁸⁴ Marshall, *Demanding the Impossible: a history of anarchism*, 561–598

⁸⁵ Murray Bookchin argumentou que o anarquismo histórico rejeitou o nacionalismo, o regionalismo e a "nacionalidade" como inerentemente autoritários e paroquiais, aconselhando os contemporâneos a olharem com desconfiança para as lutas de libertação nacional: Murray Bookchin, "Nationalism and the National Question", *Society and Nature*, 2: 2, 1994, 8-36.

⁸⁶ Christopher Day, *The Historical Failure of Anarchism: implications for the future of the revolutionary project*, Chicago: Kasama Essays for Discussion, [1996] 2009, 5; also see Lorenzo Kom'boa Ervin, *Anarchism and the Black Revolution and Other Essays*, Philadelphia: Monkeywrench Press and the Worker Self-Education Foundation of the Industrial Workers of the World, 1994, 3–6, 21, 23 (but cf. 123).

⁸⁷ A literatura que trata especificamente dessa questão é muito limitada e, muitas vezes, esquemática (certamente em contraste com o extenso trabalho sobre o marxismo e a questão nacional), e quase inteiramente focada na Europa Ocidental: os principais trabalhos incluem Jean Caroline Cahm, "Bakunin", em Eric Cahm e Vladimir Claude Fišera (eds.), *Socialism and Nationalism*, Nottingham: Spokesman, 1978; Jean Caroline Cahm, "Kropotkin and the Anarchist Movement", em Cahm e Fišera (orgs.); Michael Forman, *Nationalism and the International Labour Movement: the idea of the nation in socialist and anarchist theory*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1998; M. Grauer, "Anarcho-Nationalism: anarchist attitudes towards Jewish nationalism and Zionism", *Modern Judaism*, 14: 1, 1994, 1-19; Rob Knowles, "Anarchist Notions of Nationalism and Patriotism", em edição de J. Zizek e C. Leitz (eds.), *Writing Europe's*

Em geral, ela enfatiza que Bakunin e Kropotkin aderiram ao princípio do "respeito pela humanidade", baseado no "reconhecimento do direito humano e da dignidade humana em todo homem, de qualquer raça" ou "cor".⁸⁸ Para Bakunin, o anarquismo implicava uma organização de trabalhadores "multinacional, multirracial" e "mundial" dedicada a uma revolução libertária baseada em classes.⁸⁹ Um estudo recente sobre o anarquismo na Europa Ocidental também descobriu que, desde "seu início", ele rejeitou a xenofobia em favor da unidade internacional, do antimilitarismo e do anticolonialismo.⁹⁰ Com relação aos "movimentos sindicalistas", Marcel van der Linden observou que eles "provavelmente pertenciam às partes do movimento sindical internacional que eram menos sensíveis ao racismo".⁹¹

As poucas análises existentes sobre os engajamentos anarquistas e sindicalistas com as divisões raciais e nacionais no mundo colonial e pós-colonial também oferecem percepções importantes.⁹² Em geral, elas destacam uma oposição ativa ao preconceito e à opressão. Em Cuba, no final do século XIX, por exemplo, o espaço anarquista Círculo de Trabalhadores foi a "primeira associação da classe trabalhadora ... que era explicitamente antirracista e antinacionalista" e se organizou em todas as linhas raciais, "promovendo a consciência de classe e ajudando a erradicar as divisões de raça e etnia".⁹³

Sua sucessora, a Aliança dos Trabalhadores, "erodiu as barreiras raciais como nenhum sindicato havia feito antes em Cuba" e procurou combater a discriminação racial por parte dos empregadores e do Estado.⁹⁴ No Brasil, os ativistas sindicais "inspirados pelas doutrinas igualitárias do socialismo, do anarquismo e do anarcossindicalismo"

Pasts: proceedings of the thirteenth biennial conference of the Australasian Association for European History, Auckland, New Zealand: Australian Humanities Press, Unley, 2001; Carl Levy, 2004, "Anarchism, Internationalism and Nationalism in Europe, 1860-1939", *Australian Journal of Politics and History*, 50: 3, 330-342. Consulte também Cipko, 3-14. Para uma abordagem mais global, consulte van der Walt e Schmidt, cap. 10.

⁸⁸ Mikhail Bakunin, "Federalism, Socialism, Anti-Theologism", in Sam Dolgoff (ed.), *Bakunin on Anarchy: Selected Works by the Activist-Founder of World Anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1867] 1971, 147.

⁸⁹ Bakunin, "The Programme of the International Brotherhood", in Sam Dolgoff (ed.), *Bakunin on Anarchy: Selected Works by the Activist-Founder of World Anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1872] 1971, p. 174, emphasis in the original; Mikhail Bakunin, *Statism and Anarchy*: Cambridge University Press, [1873] 1990, 45.

⁹⁰ Bantman, 961, 964.

⁹¹ Marcel van der Linden, "Second Thoughts on Revolutionary Syndicalism", keynote address at *Syndicalism: Swedish and International Historical Experiences*, Stockholm University, Sweden, March 13-14, 1998, 15

⁹² Para obter um resumo, consulte van der Walt e Schmidt, cap. 10.

⁹³ Joan Casanovas, "Labour and Colonialism in Cuba in the Second Half of the Nineteenth-Century", Ph.D., State University of New York, 1994, 8, 302-303.

lutaram para forjar um movimento sindical inter-racial, unindo trabalhadores nativos e imigrantes, negros e brancos, com apelos explícitos aos afro-brasileiros.⁹⁵

Da mesma forma, os anarquistas e sindicalistas do Peru rejeitaram explicitamente as doutrinas de desigualdade racial inerente, defenderam a causa da emancipação indígena e desenvolveram uma presença significativa entre os camponeses indígenas e os trabalhadores das minas.⁹⁶ No entanto, as influências filosóficas positivistas também moldaram as atitudes do movimento em relação aos peruanos nativos, uma vez que ele tendia a ver sua ocidentalização como progressiva.⁹⁷ No México, o movimento lutou contra a "disparidade salarial entre mexicanos e norte-americanos" e as "práticas discriminatórias dos gerentes estrangeiros".⁹⁸ O PLM também adotou uma postura antirracista. Ele alegava que os preconceitos raciais e nacionais eram "administrados pelos capitalistas e tiranos" para tornar "impossível a união de todas as nações que estão lutando separadamente para se libertar do capital".⁹⁹

Complementando a literatura mencionada acima, os artigos deste volume lançam luz adicional sobre a relação do movimento com a questão nacional, demonstrando que o antirracismo e o internacionalismo radicais e subversivos eram marcas registradas do movimento. DeLaforcade demonstra que na Argentina havia uma "feroz oposição de inspiração anarquista às projeções nativistas e etnicamente divisionistas da identidade da classe trabalhadora". A contribuição de Shaffer ressalta que os esforços anarquistas para superar as divisões raciais e nacionais da classe trabalhadora em Cuba, México e Panamá tiveram graus variados de sucesso. O trabalho de Toledo e Biondi sobre o Brasil mostra que associações étnicas exclusivas entre classes coexistiam ao lado de organizações classistas anarquistas e sindicalistas integradas. Os trabalhadores imigrantes - em sua maioria italianos e espanhóis - estavam divididos por país, até mesmo por província, de

⁹⁵

⁹⁶ Steven Hirsch, "Anarchist Trails in the Andes: Transnational Influences and Counter-Hegemonic Practices in Peru's Southern Highlands, 1905–1928." Paper presented at the European Social Science History Conference, Ghent, Belgium, 13–16 April 2010.

⁹⁷ Sobre o anarquismo e sua relação com a questão indígena no Peru, consulte, entre outros, Piedad Pareja, "El anarquismo en el Perú y el problema indígena", *Revista Proceso*, 6, 1977, 109-119; Gerardo Leibner, "La Protesta y la andinización del anarquismo en el Perú, 1912-1915", *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, 5: 1, 1994, 83-102; Wilfredo Kapsoli, *Ayllus del Sol: Anarquismo y Utopia Andina*, Lima: TAREA, 1984. Sobre o relacionamento problemático do movimento com os imigrantes asiáticos, ver Peter Blanchard, *The Origins of the Peruvian Labour Movement, 1883-1919*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1982, pp. 123-125, 165-166.

⁹⁸ Norman Caulfield, "Wobblies and Mexican Workers in Petroleum, 1905–1924", *International Review of Social History*, 40:1, 1995, 52, 54, 56, 64–5, 67–8, 70–2.

⁹⁹ Citado em David Poole, "The Anarchists in the Mexican Revolution part 2: Praxedis G. Geurrero 1882–1910", *The Cienfuegos Press Anarchist Review*, 4, 1978, 71.

origem, bem como pelo idioma, e o idioma também representava problemas para suas relações com os trabalhadores brasileiros (de língua portuguesa). O estudo de Hirsch documenta os esforços do movimento peruano para organizar e capacitar os camponeses indígenas e forjar uma aliança da classe trabalhadora que transcendesse as divisões étnicas e regionais.

Na Ucrânia, a Makhnovischna, de etnia ucraniana em sua maioria, distinguiu-se dos nacionalistas por sua oposição violenta ao antissemitismo assassino que varria o império russo em colapso. Além de armar as comunidades judaicas e formar um batalhão judeu no Exército Revolucionário Insurgente, observa Shubin, o movimento executou membros envolvidos em pogroms; também agiu contra aqueles que atacaram colonos alemães. Na Irlanda, os sindicalistas enfrentaram o desafio de se organizar no Ulster industrializado, enquanto O'Connor observa que a minoria católica formava uma casta subalterna. O ITGWU procurou superar a divisão sectária com a solidariedade de classe e teve algum sucesso ao se opor ao sindicalismo protestante, ao mesmo tempo em que apoiava o republicanismo irlandês. No entanto, acabou sendo forçado a aceitar a divisão do país estabelecida pelo tratado de paz anglo-irlandês de 1921.

No Egito, mostra Gorman, as organizações sindicais dos anarquistas uniram os trabalhadores em sindicatos "internacionais" inclusivos, apesar das divisões alimentadas tanto pelos empregadores quanto por seções do movimento nacionalista egípcio que se valiam de apelos nativistas e etnocêntricos. O movimento estava comprometido com "uma missão e filiação internacionalistas" e se esforçou muito para lidar com o "pluralismo étnico, religioso e linguístico", "envolvendo-se com a diversidade da sociedade egípcia em geral".

O contexto sul-africano apresentava uma série de problemas graves que dificultavam a união das classes populares em todas as raças e etnias. A maioria da classe trabalhadora era formada por trabalhadores africanos, oriundos de povos conquistados, em sua maioria trabalhadores não livres sujeitos a passaportes internos, segregação e escravidão. Os trabalhadores de cor e indianos livres também estavam sujeitos a práticas discriminatórias de acordo com o ideal racista de supremacia branca elaborado pelo Estado pós-1910. A classe trabalhadora branca, inquieta e desconfiada das grandes empresas que poderiam substituí-la por mão de obra negra não-livre, organizou-se em linhas segregacionistas em entidades como a SAIF.

No entanto, os anarquistas e sindicalistas da África do Sul, como demonstra van der Walt, se distinguiam por um compromisso com a unidade inter-trabalhista e "a

abolição de todas as formas de escravidão nativa, sistemas de compostos e passaportes; e a elevação do trabalhador nativo ao status político e industrial do branco". A maioria era a favor de um "Um Único Grande Sindicato" no estilo da IWW como meio de varrer as "leis tiranas", unindo a classe trabalhadora na luta pela revolução social. As associações sindicalistas formadas entre africanos, negros e indianos eram vistas como trampolins para esse grande objetivo.

INTERNACIONALISMO, ANTICOLONIALISMO E LIBERTAÇÃO NACIONAL

É irônico que a literatura em língua inglesa sobre anarquismo e sindicalismo de intenção revolucionária não ofereça nada comparável à rica literatura sobre as abordagens marxistas das lutas anti-imperialistas. Até mesmo as narrativas nacionalistas admitem que os anarquistas e sindicalistas desempenharam um papel fundamental nas lutas dos séculos XIX e XX. Flores Magón está enterrado ao lado de generais e presidentes na Rotunda dos Homens Ilustres no Panteão Nacional no Parque Chapultepec, na Cidade do México, "parte do mito nacionalista da 'revolução mexicana institucionalizada'".¹⁰⁰ Na República da Coreia, os anarquistas Yu Rim (1894-1961), Bak Yeol (1902-1972) e Yu ha-myōng (1891-1985) são comemorados como "ativistas da independência", e o local de nascimento de Kim Jwa-Jin é um monumento nacional.¹⁰¹ Enquanto isso, Shin Chaeo (1880-1936), o mais famoso anarquista coreano, aparece nos livros escolares. O 110º aniversário do nascimento de Makhno foi comemorado oficialmente em Gulyai-Polye, enfatizando seu papel como ativista da independência.¹⁰² Em Dublin, Irlanda, o nome do sindicalista leonês James Connolly (1868-1916, executado após o fracassado Levante de Páscoa) adorna estações de trem e um hospital; assim como Kim, ele tem uma estátua, embora essa tenha sido patrocinada pelos sindicatos.¹⁰³ O Sindicato Nacional dos Mineiros da África do Sul (aliado ao Congresso Nacional Africano, ou ANC), está

¹⁰⁰ Colin M. MacLachlan, *Anarchism and the Mexican Revolution: the political trials of Ricardo Flores Magón in the United States*, Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1991, 109.

¹⁰¹ Seo Dong-shin, 2007, "Korean Anarchists Pursuing Third Way", *Korea Times*, 26 January 2007; Hongseong Portal, "Commemorative Festival for Admiral Kim JwaJin's Victory" online at http://hongseong.go.kr/english/festival/festival_05_01.html, accessed on 6 June 2008.

¹⁰² Sergey Shevchenko, 12 January 1999, " 'Makhno is our Tsar, Makhno is our God' ", online at <http://www.hartford-hwcom/archives/63/354.html>, accessed on 10 December 2007.

¹⁰³ 1916 Rebellion Walking Tour, "The History: Statue of James Connolly", http://www.1916rising.com/pic_connollystatue.html, accessed on 15 September 2008.

estudando a possibilidade de criar um "monumento dos trabalhadores" ao "herói dos trabalhadores" Thibedi.¹⁰⁴

Os artigos desta coletânea são, portanto, da maior importância para a abertura de um estudo sério das estratégias anarquistas e sindicalistas de resposta ao imperialismo. No final do século XIX, a penetração econômica e política do imperialismo provocou várias respostas políticas e culturais no mundo colonial e pós-colonial. A colaboração e a acomodação com o império sempre foram correntes importantes. Entretanto, houve grandes lutas pela independência em todo o império espanhol na década de 1890, seguidas pela Europa colonial na década de 1910. No final da década de 1910, os protestos varreram as colônias africanas e asiáticas e a revolta árabe contra os otomanos, além de demandas crescentes por mais independência econômica na América Latina e no sul da África. No final da década de 1920, os movimentos de independência em massa estavam se tornando importantes na África e na Ásia. A partir da década de 1940, os regimes imperiais formais estavam entrando em colapso em todo o mundo (pelo menos fora do reino soviético em rápida expansão).

É importante enfatizar que o nacionalismo foi uma - mas apenas uma - corrente nessas lutas de libertação nacional; os dois são frequentemente confundidos. O nacionalismo é uma doutrina definida, que vê o mundo como composto de nações distintas, cada uma exigindo seu próprio estado-nação para expressar sua vontade geral. Portanto, os movimentos nacionalistas se concentram na união de todas as seções da nação, independentemente da classe, para esse fim. Essa perspectiva difere radicalmente da insistência dos anarquistas e sindicalistas no internacionalismo baseado em classes e no antiestatismo e, em geral, também (como mostraremos a seguir) de suas próprias visões de descolonização e autodeterminação. Com base no pensamento revolucionário europeu, os movimentos nacionalistas coloniais foram uma reação contra o imperialismo europeu (e outros)¹⁰⁵, geralmente lançados por elites nativas frustradas. Na prática, os nacionalistas coloniais vacilavam entre a acomodação com o império e as demandas por uma autonomia mais radical, até mesmo a condição de Estado. Somente a partir de 1919, as últimas demandas começaram a dominar o nacionalismo colonial de forma instável.

¹⁰⁴ Resolutions of the 2006 congress of the Congress of South African TradeUnions, on-line em <http://www.cosatu.org.za/cong2006/congress06/resolu.pdf>, section1.12, acessado em 15 de setembro de 2008.

¹⁰⁵ Bocjun, 132–133.

¹⁰⁶Mesmo assim, no entanto, o nacionalismo sempre teve dificuldades para assumir a liderança dos movimentos de libertação nacional, porque as correntes religiosas e de classe também eram forças importantes.

AS TRÊS PRINCIPAIS ABORDAGENS ANARQUISTAS E SINDICALISTAS ÀS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA

A noção de que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária ignoraram as lutas anti-imperialistas é indefensável. O anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária eram doutrinariamente contrários ao imperialismo e, portanto, em princípio, sempre apoiaram alguma noção de liberdade nacional. O apoio à liberdade nacional decorreu da oposição anarquista à hierarquia e da ênfase na cooperação voluntária e na autogestão. "O direito de se unir e se separar livremente", escreveu Bakunin, "é o primeiro e mais importante de todos os direitos políticos".¹⁰⁷ No lugar do centralismo estatal e do nacionalismo, Bakunin defendia uma "organização social futura" que fosse "realizada de baixo para cima, por livre associação, com sindicatos e localidades federadas por comunas, regiões, nações e, finalmente, uma grande federação universal e internacional".¹⁰⁸ A própria autodeterminação nacional, em resumo, teria como premissa a liberdade individual por meio da cooperação e a ausência de classe e de Estado.

A dificuldade, entretanto, era que muitas das lutas de libertação nacional no mundo colonial e pós-colonial eram influenciadas pelo nacionalismo ou, pelo menos, pelo sonho nacionalista de um Estado independente. A questão, portanto, foi colocada: como os anarquistas e sindicalistas deveriam se relacionar com o nacionalismo e com as lutas pela independência que não chegaram a ser uma revolução social para "uma grande federação universal e internacional" e uma nova "organização social"?

Os anarquistas e sindicalistas parecem ter adotado três abordagens fundamentais.¹⁰⁹ A primeira das respostas anarquistas e sindicalistas foi a de que as atuais lutas pela independência eram fúteis, na medida em que eram vistas como uma simples substituição de opressores estrangeiros por opressores locais. Havia, por exemplo, tensões

¹⁰⁶ Erez Manela, *The Wilsonian Moment: self-determination and the international origins of anti-colonial nationalism*. Oxford, New York: Oxford University Press, 5–6.

¹⁰⁷ Citado em Paul Eltzbacher, *Anarchism: exponents of the anarchist philosophy*, London: Freedom Press, [1900] 1960, 81.

¹⁰⁸ Mikhail Bakunin, "The Paris Commune and the Idea of the State", in Dolgoff (ed.), [1871] 1971, 270

¹⁰⁹ Isso se baseia em ideias que apareceram anteriormente em Lucien van der Walt, "Pour Une Histoire De L'anti-impérialisme Anarchiste: 'Dans Cette Lutte, Seuls Les Ouvriers Et Les Paysans Iront Jusqu'au Bout'", *Refractions*, 8, 2002: 27-37, e van der Walt e Schmidt, 297-321.

substanciais entre as primeiras uniões lideradas por anarquistas em Cuba, que enfatizavam a luta de classes, e o movimento separatista, que enfatizava a unidade nacional entre as classes, o que é abordado no capítulo de Shaffer.¹¹⁰ Anarquistas importantes, como Enrique Roig de San Martín (1843-1889), sugeriram que qualquer mudança que não fosse uma revolução social completa (que proporcionasse a liberdade nacional) seria inútil e procuraram distanciar as uniões dos separatistas.¹¹¹ Essa posição sustentava, de fato, que as lutas pela libertação nacional eram basicamente nacionalistas e, portanto, inevitavelmente gerariam resultados estritamente nacionalistas: um novo Estado e a persistência de um sistema de classes. Isso deixaria esses anarquistas e sindicalistas fora dos movimentos de libertação nacional; apesar de sua oposição de princípio ao imperialismo e ao colonialismo, isso muitas vezes significava que eles evitavam essas questões em favor de um foco ostensivo na luta de classes. A segunda abordagem e variante era exatamente o oposto: abraçava o nacionalismo de forma ativa e não crítica. Assim como Roig de San Martín, ela tendia a confundir nacionalismo e libertação nacional, mas via essa relação como positiva e necessária. Em seu trabalho pioneiro sobre o anarquismo coreano, John Crump chamou a atenção para uma tendência que estava tão profundamente imbuída de nacionalismo que "desprezava os princípios básicos do anarquismo".¹¹² Yu ha-myōng e Yu Rim serviram no Governo Provisório Coreano no exílio e, com Ha, formaram o Partido Independente dos Trabalhadores e Camponeses (IWFP) para concorrer às primeiras eleições pós-independência. Yu Rim declarou que "nós, anarquistas coreanos, não somos literalmente não governistas", mas "queremos estabelecer um governo unificado independente e democrático".¹¹³ Na China, da mesma forma, os anarquistas Li Shizeng (1881-1973) e Wu Zhihui (1865-1953) estavam intimamente associados ao que Dirlik chama de "direita Guomindang obcecada pelo nacionalismo" anticomunista. Na prática, eles viam o programa nacionalista como uma etapa necessária para uma futura transição para o anarco-comunismo.¹¹⁴ Em outras palavras, essa abordagem via a formação de estados-nação independentes como uma ruptura parcial com o imperialismo e, de fato, uma pré-condição para uma futura sociedade anarquista. A partir dessa abordagem de estágios, seguiu-se uma disposição de

¹¹⁰ Consulte também Casanovas, "Labour and Colonialism in Cuba", 309-321.

¹¹¹ Casanovas, "Labour and Colonialism in Cuba", 361-363.

¹¹² Crump, 46.

¹¹³ Citado in Ha, 144.

¹¹⁴ Crump, 47-48; Dirlik, *Anarchism in the Chinese Revolution*, Ch. 11.

deixar de lado as diferenças com os nacionalistas, minimizando o antiestatismo e a luta de classes - pelo menos até que a independência do Estado fosse alcançada.

A terceira posição anarquista e sindicalista sobre as lutas pela independência foi a mais sofisticada e, sem dúvida, a mais importante historicamente: um projeto de engajamento crítico e radicalização. As lutas pela libertação nacional eram vistas como uma parte crucial do programa libertário e da luta de classes. Embora as atuais lutas pela independência pudessem ser capturadas pela burguesia e por outras forças da elite, isso não era inevitável. As forças nacionalistas e elitistas poderiam ser desalojadas, com a intervenção de anarquistas e sindicalistas empurrando as lutas de libertação nacional diretamente para a revolução social internacionalista e antiestatista. O sucesso mesclaria as lutas nacionais e de classe, em vez de separar artificialmente as duas.

A partir de 1892, como indica Shaffer, o anarquismo cubano se comprometeu amplamente com a luta separatista. Declarou apoio inequívoco à "liberdade coletiva de um povo, mesmo que a liberdade coletiva desejada seja a da emancipação da tutela de outro povo", mas acrescentou que a luta deveria levar à predominância dos interesses das classes populares.¹¹⁵ Muitos se juntaram ao Partido Revolucionário Cubano (PRC) de José Martí. Quando a Guerra da Independência começou em 1895, os anarquistas fizeram uma "enorme" contribuição, fornecendo soldados, recursos, propaganda, subversão e mártires.¹¹⁶ Os anarquistas mantiveram sua própria agenda durante todo o tempo e, após a independência formal, foram críticos implacáveis da elite pós-colonial e de seus apoiadores dos Estados Unidos.

Essa posição, em resumo, centrava-se na contestação da luta pela libertação nacional dentro de um movimento maior que incluía os nacionalistas. Em sua essência, havia uma distinção conceitual entre nacionalismo (que visava apenas a um novo estado) e libertação nacional em geral (potencialmente capaz de avançar para a revolução social); e, a partir disso, uma determinação de alcançar a liderança da luta pela libertação nacional. A partir dessa perspectiva, os anarquistas e sindicalistas devem participar das lutas de libertação nacional, embora permaneçam céticos em relação aos nacionalistas e seus planos para a formação de um Estado. A libertação nacional genuína não significava um Estado independente, mas a satisfação das demandas das massas por igualdade social e econômica por meio de uma sociedade socialista libertária. Por exemplo, Connolly – como observa O'Connor – era conhecido pelo ditado de que, como "a luta nacional

¹¹⁵ Fernandez, 15–38; also see Casanovas, "Labour and Colonialism in Cuba", 413–423, 433–442.

¹¹⁶ Casanovas, "Labour and Colonialism in Cuba", 424.

irlandesa também era uma luta social, somente a classe trabalhadora poderia completar a luta, e somente o socialismo poderia garantir a independência econômica real". A outra figura-chave do sindicalismo revolucionário irlandês, Jim Larkin (1874-1947), tinha uma posição semelhante. Os dois homens deram ao republicanismo socialista uma conotação nitidamente sindicalista. Os sindicalistas da África do Sul no final da década de 1910 - admiradores de Connolly - rejeitaram de forma semelhante o nacionalismo africano (e afrikaner) em favor da libertação nacional por meio de uma Grande União inter-racial. Na África do Sul, de acordo com van der Walt, as formações sindicalistas, como a International Socialist League, viam a revolucionária One Big Union como uma forja proletária na qual seria criada uma sociedade comum que englobaria todos, independentemente da cor. Em vez de criar um estado-nação, eles buscavam estabelecer uma "República Industrial" socialista libertária e autogerenciada, como "parte integrante da República Industrial Internacional".

Em Porto Rico, observa Shaffer, os anarquistas desafiaram os principais grupos de independência, insistindo que a verdadeira independência deveria envolver uma reestruturação anarquista e comunista da sociedade. No México, o trabalho do PLM oferece um exemplo claro de uma corrente anarquista com o objetivo de impulsionar as lutas contra a dominação ocidental e as elites locais em uma direção revolucionária. Ao mesmo tempo, a experiência do PLM mostra as questões difíceis que a participação em tais lutas pode representar. O mais notável é a tentativa do PLM de radicalizar o Plano de San Diego (PSD), uma revolta separatista ocorrida em 1915 no sul do Texas por mexicanos e mexicanos-americanos, que tinha tons de guerra racial.

Na China, também, a colaboração com o partido nacionalista, o Goumdindang, era uma questão controversa, com alguns anarquistas buscando usar os recursos do Guomindang para seus próprios e distintos propósitos: os capítulos de Dirlik e Hwang tratam de algumas das complexidades que isso acarretava. A perspectiva revolucionária sobre a liberação nacional também foi muito influente entre os anarquistas coreanos. Militantes como Yi Jeonggyu e Bak tinham como objetivo a revolução social, em vez de uma revolução política que visava apenas à independência. Hwang contesta a ênfase de Crump na inclinação nacionalista do movimento coreano, argumentando que, embora o anarquismo tenha sido "relido" para enfatizar a independência, a independência era frequentemente repensada como parte de um conjunto maior de problemas e preocupações transnacionais e universais. A "Declaração da Revolução Coreana" de Shin,

de 1923, se encaixa bem: além da independência do Japão, ela enfatizava a abolição do domínio e da exploração de classe em "uma Coreia ideal".¹¹⁷

No Egito, como demonstra Gorman, os anarquistas discordavam dos nacionalistas, mas se envolveram em várias alianças de fato. Uma delas foi a participação do anarquista italiano Errico Malatesta na revolta de 1882 liderada por Ahmad 'Urabi, e essa convergência também foi evidenciada na Revolução de 1919, marcada pela agitação em todo o país contra o domínio britânico e pela atividade sindicalista entre trabalhadores estrangeiros e egípcios. Por sua vez, o Soviete Militar Revolucionário da Makhnovischna declarou,

Quando falamos de independência ucraniana, não nos referimos à independência nacional no sentido de Petliura [Symon Petliura, chefe do Diretório nacionalista], mas à independência social dos trabalhadores e camponeses. Declaramos que os trabalhadores ucranianos e todos os outros têm o direito à autodeterminação, não como uma "nação independente", mas como "trabalhadores independentes".

Na medida em que as atividades da Makhnovischna e da Associação do Povo Coreano na Manchúria constituíam revoluções sociais, elas exemplificavam um esforço bem-sucedido para levar a libertação nacional muito além dos limites do nacionalismo estreito.

A terceira posição anarquista e sindicalista sobre as lutas pela independência estava muito alinhada com o apoio de Bakunin aos movimentos de independência, com base no fato de que a libertação nacional tinha de ser combatida "tanto no interesse econômico quanto no político das massas". Um movimento dominado pela "ambiciosa intenção de criar um Estado poderoso" e pela agenda de "uma classe privilegiada" acabaria sendo um "movimento retrógrado, desastroso e contrarrevolucionário".¹¹⁸ Ele acreditava que:

¹¹⁷ Shin Chaeho, "Declaration of the Korean Revolution", in Robert Graham (ed.) *Anarchism: a documentary history of libertarian ideas, volume 1: from anarchy to anarchism, 300 CE to 1939*, Montréal: Black Rose, [1923] 2005, 373–376.

¹¹⁸ Bakunin, quoted in Guérin, 68.

Toda revolução exclusivamente política - seja em defesa da independência nacional ou para mudanças internas. Toda revolução exclusivamente política - seja em defesa da independência nacional ou para mudanças internas - que não tenha como objetivo a emancipação política e econômica imediata e real das pessoas será uma falsa revolução. Seus objetivos serão inatingíveis e suas consequências, reacionárias.¹¹⁹

O "caminho estatista envolvendo o estabelecimento de Estados separados" foi "totalmente desastroso para as grandes massas populares", porque não aboliu o poder de classe, mas simplesmente mudou a nacionalidade da classe dominante. Estados" era "totalmente desastroso para as grandes massas do povo", porque não abolia o poder de classe, mas simplesmente mudava a nacionalidade da classe dominante.¹²⁰

UMA OBSERVAÇÃO SOBRE A ORGANIZAÇÃO E O ESCOPO DO VOLUME

Este volume está dividido em duas partes. A primeira parte consiste em estudos que examinam o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária no contexto do colonialismo europeu e japonês. Definimos colonialismo de forma direta para nos referirmos a povos e regiões do mundo sujeitos ao controle político e econômico estrangeiro direto. Alguns podem considerar controversa a designação da China como parte do mundo colonial. Embora nunca tenha sido completamente colonizada, ela foi sistematicamente submetida a uma gama cada vez maior de concessões formais de território e direitos a partir do século XIX e, depois, a uma conquista colonial prolongada a partir da década de 1930. Portanto, pode-se argumentar a favor de sua inclusão na seção colonial, dado seu status colonial e "semicolonial" no início do século XX.

A segunda parte agrupa estudos que investigam a experiência do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no contexto de situações pós-coloniais, o que, dado o período coberto por este volume, significa necessariamente casos principalmente latino-americanos. Para os fins deste livro, o termo "pós-colonial" designa ex-colônias que, apesar de serem políticas independentes, permanecem profundamente influenciadas pelos legados do colonialismo. Em particular, refere-se a países sujeitos a um claro (mas

¹¹⁹ Bakunin, "Federalism, Socialism, Anti-Theologism", 99.

¹²⁰ Mikhail Bakunin, "Statism and Anarchy", in Sam Dolgoff (ed.), *Bakunin on Anarchy: Selected Works by the Activist-Founder of World Anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1873] 1971, 343.

amplamente variável e contestado) grau de controle externo indireto e de relativa dependência econômica na divisão do trabalho da economia capitalista mundial. Essas restrições externas condicionam, mas não determinam, os sistemas internos de dominação por classe, raça, cultura e gênero.

Nenhum volume isolado pode abordar a totalidade da experiência histórica do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no mundo colonial e pós-colonial. Este livro se concentra fundamentalmente em várias questões analíticas importantes: Quais grupos sociais formaram a base de apoio dos movimentos anarquistas e sindicalistas no mundo colonial e pós-colonial entre 1870 e 1940? Quais eram os princípios doutrinários, as metas programáticas e as estruturas organizacionais desses movimentos? Quais métodos de luta eles empregavam? Como eles abordaram as divisões raciais e étnicas? Como esses movimentos lidaram com o colonialismo, a libertação nacional, o imperialismo, a formação do Estado e a revolução social?

Outras questões e linhas de pesquisa também precisam ser investigadas. Sugerimos que as ideologias e práticas de gênero, as relações raciais e a dinâmica geracional nos movimentos anarquistas e sindicalistas no mundo colonial e pós-colonial exigem mais pesquisas acadêmicas. Da mesma forma, são necessários mais estudos sobre as dimensões e influências contraculturais e internacionalistas desses movimentos. Também estamos cientes da cobertura limitada de nosso volume. Certamente, os movimentos anarquistas e sindicalistas (e influenciados por anarquistas e sindicalistas) em outros contextos africanos, do Leste Europeu, do Oriente Médio, do Sul da Ásia, da América Central e das ilhas do Pacífico merecem uma análise acadêmica. Esperamos que este volume abra novas perspectivas sobre a história do trabalho e da esquerda, e que os materiais coletados aqui ajudem a moldar futuras agendas de pesquisa.

Referências citadas no texto

Adams, Jason, *Non-Western Anarchisms: rethinking the global context*, Johannesburg: Zabalaza Books, 2003.

Adelman, Jeremy, “Socialism and Democracy in Argentina in the Age of the Second International”, *Hispanic American Historical Review*, 72: 2, 1992, 211–238.

Ahmad, Ajiz, *In Theory: classes, nations, literatures*, London: Verso, 1992.

Anderson, Benedict, *Under Three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*, New York: Verso, 2005.

Andrews, G.R., “Black and White Workers: São Paulo, Brazil, 1888–1928”, *Hispanic American Historical Review*, 68: 3, 1988, 491–524.

Bakunin, Mikhail, “Federalism, Socialism, Anti-Theologism”, in Sam Dolgoff (ed.) *Bakunin on Anarchy: selected works by the activist-founder of world anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1867] 1971.

———, “The Programme of the International Brotherhood”, in Sam Dolgoff (ed.) *Bakunin on Anarchy: selected works by the activist-founder of world anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1869] 1971.

———, “The Paris Commune and the Idea of the State”, in Sam Dolgoff (ed.) *Bakunin on Anarchy: selected works by the activist-founder of world anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1871] 1971.

———, “Letter to *La Liberté*”, in Sam Dolgoff (ed.), *Bakunin on Anarchy: selected works by the activist-founder of world anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1872] 1971.

———, “Statism and Anarchy”, in Sam Dolgoff (ed.), *Bakunin on Anarchy: selected works by the activist-founder of world anarchism*, London: George Allen and Unwin, [1873] 1971.

———. *Statism and Anarchy*, Cambridge University Press, [1873] 1990.

Bantman, Constance, “Internationalism without an International? Cross-channel anarchist networks, 1880–1914”, *Revue Belge de Philologie et D’Histoire*, 84: 4, 2006, 961–981.

Bayerlein, Bernhard and Marcel van der Linden, “Revolutionary Syndicalism in Portugal”, in Marcel van der Linden and Wayne Thorpe (eds.), *Revolutionary Syndicalism: an international perspective*, Otterup/Aldershot: Scolar/Gower Publishing Company, 1990.

Berger, Mark T., “After the Third World? history, destiny and the fate of Third Worldism”, *Third World Quarterly*, 25: 1, 2004, 9–39.

Blanchard, Peter, *The Origins of the Peruvian Labour Movement, 1883–1919*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1982.

Bocjun, J. Marko, “The Working Class and the National Question in the Ukraine: 1880–1920”, Ph.D. diss., York University, 1980.

Bookchin, Murray, “Nationalism and the National Question”, *Society and Nature*, 2: 2, 1994, 8–36.

Breitbart, M.M., “Spanish Anarchism: an introductory essay”, *Antipode: a radical journal of geography*, 10/11: 3/1, 1979, 60–70.

Bukharin, Nikolai, *The ABC of Communism*, Michigan/Toronto: University of Michigan Press/Ambassador Books, [1922] 1966.

Caballero, Manuel, *Latin America and the Comintern, 1919–1943*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

Cahm, Jean Caroline, "Kropotkin and the Anarchist Movement", in Eric Cahm and Vladimir Claude Fišera (eds.), *Socialism and Nationalism*, Nottingham: Spokesman, 1978.

——, "Bakunin", in Eric Cahm and Vladimir Claude Fišera (eds.), *Socialism and Nationalism*, Nottingham: Spokesman, 1978.

Casanovas, Joan, "Labour and Colonialism in Cuba in the Second Half of the Nineteenth-Century", Ph.D. diss., State University of New York, 1994.

——, "Slavery, the Labour Movement and Spanish Colonialism in Cuba, 1850–1890", *International Review of Social History*, 40:3, 1995, 367–383.

Caulfield, Norman, "Wobblies and Mexican Workers in Petroleum, 1905–1924", *International Review of Social History*, 40:1, 1995, 51–75.

Cipko, Serge, "Mikhail Bakunin and the National Question", *The Raven*, 3: 1, 1990, 3–14.

Cole, G.D.H., *The Second International, 1889–1914*. London/New York: Macmillan/ St Martin's Press, 1956.

Crow, Ben; Thomas, Alan; Frenz, Paul; Hewitt, Tom; Kassam, Sabrina; and Treagust, Steven, *Third World Atlas*, second ed. Buckingham/Milton Keynes: Open University, 1994.

Crump, John, "Anarchism and Nationalism in East Asia", *Anarchist Studies*, 4: 1, 1996, 45–64.

Darch, Colin M., "The Makhnovischna, 1917–1921: ideology, nationalism, and peasant insurgency in early twentieth century Ukraine", Ph.D. diss., University of Bradford, 1994.

Darlington, Ralph, *Syndicalism and the Transition to Communism: an international comparative analysis*, Aldershot, Hampshire and Burlington, VT: Ashgate, 2008.

Day, Christopher, *The Historical Failure of Anarchism: implications for the future of the revolutionary project*, Chicago: Kasama Essays for Discussion, [1996] 2009.

Dirlik, Arif, *The Origins of Chinese Communism*, Oxford, New York: Oxford University Press, 1989.

—— *Anarchism in the Chinese Revolution*, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1991.

Deshazo, Peter, *Urban Workers and Labour Unions in Chile 1902–1927*, Madison: University of Wisconsin Press, 1983.

Dong-shin, Seo, "Korean Anarchists Pursuing Third Way", *Korea Times*, 26 January 2007.

Dulles, John W.F., *Anarchists and Communists in Brazil, 1900–1935*, Austin: University of Texas Press, 1973.

Eltzbacher, Paul, *Anarchism: exponents of the anarchist philosophy*, London: Freedom Press, [1900] 1960.

Engels, Friedrich, [1873], "The Bakuninists at Work: an account of the Spanish Revolt in the summer of 1873", in N.Y. Kolpinsky (ed.), *Marx, Engels, Lenin: anarchism and anarcho-syndicalism*, Moscow: Progress Publishers, 1972.

Ervin, Lorenzo Kom'boa, *Anarchism and the Black Revolution and Other Essays*, Philadelphia: Monkeywrench Press and the Worker Self-Education Foundation of the Industrial Workers of the World, 1994.

Fernandez, Frank, *Cuban Anarchism: the history of a movement*, Tucson: Sharp Press, 2001.

Forman, Michael, *Nationalism and the International Labour Movement: the idea of the nation in socialist and anarchist theory*, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1998.

Gabaccia, Donna R. and Fraser M. Ottanelli (eds.), *Italian Workers of the World: labour migration and the formation of multiethnic states*, Urbana: University of Illinois Press, 2001.

Godio, Julio, *El movimiento obrero de américa latina, 1850–1918*, Bogotá: Ediciones Tercer Mundo, 1978.

Gordon, E.A., “Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890–1920”, Ph.D. diss., Tulane University, 1978.

Graham, Robert, “[Review essay]: Alan Ritter, *Anarchism: a theoretical analysis*/Michael Taylor, *Community, Anarchy, and Liberty*/David Miller, *Anarchism*”, *Telos* 60, 1985, 197–202.

Grauer, M., “Anarcho-Nationalism: anarchist attitudes towards Jewish nationalism and Zionism”, *Modern Judaism*, 14: 1, 1994, 1–19.

Grez Toso, Sergio, *Los anarquistas y el movimiento obrero: La alborada de “la idea” en Chile, 1893–1915*, Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2007.

Guérin, Daniel, *Anarchism: from theory to practice*, New York: Monthly Review Press, 1970.

Ha, Ki Rak, *A History of Korean Anarchist Movement [sic.]*, Taegu: Anarchist Publishing Committee, 1986.

Hart, John, *Anarchism and the Mexican Working Class, 1860–1931*, Austin: Texas University Press, 1978.

———, “Revolutionary Syndicalism in Mexico”, in Marcel van der Linden and Wayne Thorpe, (eds.), *Revolutionary Syndicalism: an international perspective*, Otterup/Aldershot: Scholar Press/Gower Publishing, 1990.

Himka, J.P., “Young Radicals and Independent Statehood: the idea of a Ukrainian nation-state, 1890–1895”, *Slavic Review*, 41: 2, 1982, 219–235.

Hirsch, Steven J., “The Anarcho-Syndicalist Roots of a Multi-Class Alliance: Organised labour and the Peruvian Aprista Party, 1900–1933”, Ph.D. diss., George Washington University, 1997.

———, “Anarchist Trails in the Andes: Transnational Influences and Counter-Hegemonic Practices in Peru’s Southern Highlands, 1905–1928,” paper presented at the European Social Science History Conference, Ghent, Belgium, 13–16 April, 2010.

Hirst, Paul, “The Global Economy: myths and realities”, *International Affairs*, 73: 3, 1997, 409–426.

Ho Tai, Hue-Tam, *Radicalism and the Origins of the Vietnamese Revolution*, Cambridge: Harvard University Press, 1992.

Hobsbawm, Eric, *Primitive Rebels: studies in archaic forms of social movement in the 19th and 20th centuries*, third ed., Manchester: Manchester University Press, 1971.

———, *The Age of Capital, 1848–1875*, Abacus, London, 1977

———, *Revolutionaries*, London: Abacus, 1993.

Howell, David, “Taking Syndicalism Seriously”, *Socialist History*, 16, 2000, 27–48.

Hwang, Dongyoun, “Beyond Independence: the Korean anarchist press in China and Japan in the 1920s and 1930s”, *Asian Studies Review*, 31: 1, 2007, 3–23.

Joll, James, *The Anarchists*, London: Methuen and Co., 1964.

Kapsoli, Wilfredo, *Ayllus del Sol: Anarquismo y Utopia Andina*, Lima: TAREA, 1984.

Kedward, Roderick, *The Anarchists: the men who shocked an era*, London/New York: Library of the Twentieth Century, 1971.

Khoo Kay Kim, Datuk and Ranjit Singh Malhl, "Malaysia: Chinese anarchists started trade unions", *The Sunday Star*, 12 September 1993.

Khuri-Makdisi, Ilham, "Levantine Trajectories: the formulation and dissemination of radical ideas in and between Beirut, Cairo and Alexandria, 1860–1914", Ph.D. diss., Harvard University, 2003.

Knowles, Robert, "Anarchist Notions of Nationalism and Patriotism", in J. Zizek and C. Leitz (eds.), *Writing Europe's Pasts: proceedings of the thirteenth biennial conference of the Australasian Association for European History*, Auckland, New Zealand: Australian Humanities Press, Unley, 2001.

Kropotkin, Piotr, *The Place of Anarchism in Socialistic Evolution*, Cyrmu: Practical Parasite Publications, [1886] 1990.

——, "Anarchism", in R.N. Baldwin (ed.), *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets: a collection of writings by Peter Kropotkin*, New York: Dover Publications, [1905] 1970.

Lane, Fintan, "The Emergence of Modern Irish Socialism 1885–1887", in *Red and Black Revolution: a magazine of libertarian communism*, 3, 1997, 19–22.

Lang, M., "Review Article: Globalisation and Its History", *The Journal of Modern History*, 78, 2006, 899–931.

Levine, Louis, *Syndicalism in France*, second ed., New York: Columbia University Press, 1914.

Leibner, Gerardo, "La Protesta y la andinización del anarquismo en el Perú, 1912–1915", *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, 5:1, 1994, 83–102.

London, Jack, [1900], "The Shrinkage of the Planet", from his *Revolution and Other Essays*, 1910, Macmillan, online at <http://sunsite.berkeley.edu/London/Writings/Revolution/shrinkage.html>, accessed 15 January 1997.

Lorwin, L., "Syndicalism", in *Encyclopaedia of the Social Sciences*. New York: The Macmillan Company, 1959.

Levy, Carl, "Anarchism, Internationalism and Nationalism in Europe, 1860–1939", *Australian Journal of Politics and History*, 50: 3, 2004, 330–342.

MacLachlan, Colin M., *Anarchism and the Mexican Revolution: the political trials of Ricardo Flores Magón in the United States*, Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1991.

Manela, Erez, *The Wilsonian Moment: self-determination and the international origins of anti-colonial nationalism*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2007.

Maram, Sheldon L., "Anarchists, Immigrants and the Brazilian Labour Movement, 1890–1920", Ph.D. diss., University of California, Santa Barbara, 1972.

Marshall, Peter, *Demanding the Impossible: a history of anarchism*, London: Fontana Press, 1994.

Marx, Karl and Friedrich Engels, *The Communist Manifesto*, Chicago: Henry Regnery Company, [1848] 1954.

——, [19 April 1870] "Letter to Paul Lafargue in Paris", in N.Y. Kolpinsky (ed.), *Marx, Engels, Lenin: anarchism and anarcho-syndicalism*, Moscow: Progress Publishers, 1972.

Melgar Bao, Ricardo, *El movimiento obrero latinoamericano: historia de una clase subaltern*, Madrid: Alianza Editorial, 1988.

Miller, David, *Anarchism*, London, Melbourne: J.M. Dent and Sons, 1984.

Moya, José C., *Cousins and Strangers: Spanish Immigrants in Buenos Aires, 1850–1930*, Los Angeles, University of California Press, 1998.

- Nettlau, Max, *A Short History of Anarchism*, London: Freedom Press, [1934] 1996.
- Nimni, Ephraim, "Great Historical Failure: Marxist theories of nationalism", *Capital and Class* 25, 1985, 58–82.
- Oved, Yaacov, "The Uniqueness of Anarchism in Argentina," *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, 8: 1, 1997, 63–76.
- Pareja, Piedadm, "El anarquismo en el Perú y el problema indígena", *Revista Proceso*, 6, 1977, 109–119.
- Peterson, Larry, "The One Big Union in International Perspective: revolutionary industrial unionism, 1900–1925", in J.E. Cronin and C. Sirianni (eds.), *Work, Community and Power: the experiences of labour in Europe and America*, Philadelphia: Temple University Press, 1983.
- Poole, David, "The Anarchists in the Mexican Revolution part 2: Praxedis G. Geurrero 1882–1910", *The Cienfuegos Press Anarchist Review*, 4, 1978, 68–73.
- Poyo, Gerald E., "The Anarchist Challenge to the Cuban Independence Movement, 1885–1890", *Cuban Studies* 15, 1, 1985, 29–42.
- Puri, Harish K., *Ghadar Movement: ideology, organization and strategy*, Amritsar: Guru Nanak Dev University Press, 1983.
- Rocker, Rudolph, *Anarcho-syndicalism*, London: Pluto Press, [1938] 1989.
- Sengal, Jitendra Nath. *Bhagat Singh: a biography*, Gurgaon: Hope India Publications, [1931] 2006.
- Seth, Sanjay, "Lenin's Reformulation of Marxism: the colonial question as a national question", *History of Political Thought*, XIII: 1, 1992, 99–128.
- Shaffer, Kirwin, "Purifying the Environment for the Coming New Dawn: anarchism and counter-cultural politics in Cuba, 1898–1925", Ph.D. diss., University of Kansas, 1998.
- Shin Chaeho, "Declaration of the Korean Revolution", in Robert Graham (ed.), *Anarchism: a documentary history of libertarian ideas, volume 1: from anarchy to anarchism, 300 CE to 1939*, Montréal: Black Rose Books, [1923] 2005.
- Skirda, Alexandre, *Nestor Makhno: Anarchy's Cossack: the struggle for free soviets in the Ukraine 1917–1921*, Edinburgh, San Francisco: AK Press, [1982] 2003.
- Stekloff, G.M., *The First International*, revised ed., London: Martin Lawrence, 1928.
- Thompson, Ruth, "The Limitations of Ideology in the early Argentine Labour Movement: anarchism in the trade unions, 1890–1920", *Journal of Latin American Studies*, 16, 1984, 81–99.
- , "Argentine Syndicalism: reformism before revolution", in *Revolutionary Syndicalism: an international perspective*, edited by Marcel van der Linden and Wayne Thorpe, Otterup/Aldershot: Scolar/Gower Publishing Company, 1990.
- Thorpe, Wayne, *'The Workers Themselves': revolutionary syndicalism and international labour 1913–23*, Dordrecht, Boston, London/Amsterdam: Kulwer Academic Publishers/International Institute of Social History, 1989.
- Tunçay, Mece and Erik Jan Zürcher (eds.), *Socialism and Nationalism in the Ottoman Empire, 1876–1923*, London, New York/Amsterdam: British Academic Press imprint of I.B. Tauris Publishers/International Institute of Social History, 1994.
- Turcato, Davide, "Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915," *International Review of Social History*, 52:3, 2007, 407–444.
- Van Creveld, Martin, *The Rise and Decline of the State*, Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1999.

Van der Linden, Marcel, “Second Thoughts on Revolutionary Syndicalism”, keynote address at *Syndicalism: Swedish and International Historical Experiences*, Stockholm University, Sweden, March 13–14, 1998.

Van der Linden, Marcel and Wayne Thorpe, “The Rise and Fall of Revolutionary Syndicalism”, in Marcel van der Linden and Wayne Thorpe (eds.), *Revolutionary Syndicalism: an international perspective*, Otterup/Aldershot: Scolar/Gower Publishing Company, 1990.

Van der Walt, Lucien, “Pour Une Histoire De L’anti-impérialisme Anarchiste: ‘Dans Cette Lutte, Seuls Les Ouvriers Et Les Paysans Iront Jusqu’au Bout’”, *Refractions*, 8, 2002: 27–37.

———, “Anarchism and Syndicalism in South Africa, 1904–1921: rethinking the history of labour and the left”, Ph.D. diss., University of the Witwatersrand, 2007.

Van der Walt, Lucien and Michael Schmidt, *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*, San Francisco, Edinburgh: AK Press, 2009.

Warren, Bill, *Imperialism: pioneer of capitalism*, London: Verso, 1980.

Weber, Heloise, “Reconstituting the ‘Third World’? poverty reduction and territoriality in the global politics of development”, *Third World Quarterly*, 25: 1, 2004, 187–206.

Weinstein, Barbara, “History without a Cause? Grand narratives, world history, and the postcolonial dilemma”, *International Review of Social History*, 50: 1, 2005, 71–93.

White, Joseph, 1990, “Syndicalism in a Mature Industrial Setting: the case of Britain”, in Marcel van der Linden and Wayne Thorpe (eds.), *Revolutionary Syndicalism: an international perspective*, Otterup/Aldershot: Scolar/Gower Publishing Company, 1990.

Wong, Jane Mee, “Pingshe: retrieving an Asian American anarchist tradition”, *Amerasia Journal*, 34: 1, 2008, 133–151.

Woodcock, George, *Anarchism: a history of libertarian ideas and movements*, new edition with postscript, Penguin, 1975.

Yaroslavsky, E., *History of Anarchism in Russia*, London: Lawrence and Wishart, 1937.

Yong, C.F., “Origins and Development of the Malayan Communist Movement, 1919–1930”, *Modern Asian Studies*, 25: 4, 1991, 625–648.

Zeitlin, Maurice, *Revolutionary Politics and the Cuban Working Class*, New York: Harper & Row, 1970.

Traduzido do inglês ao português por Rafael Viana da Silva.

Publicado no Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) em 09/05/2024